

UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

DALILA TAVARES GARCIA

**MULHERES EM MOVIMENTO: MOBILIDADES, ESTRATÉGIAS E
SOBREVIVÊNCIAS NA FRONTEIRA ENTRE FOZ DO IGUAÇU (BRASIL),
CIUDAD DEL ESTE (PARAGUAI) E PUERTO IGUAZÚ (ARGENTINA)**

Dourados – MS
2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

DALILA TAVARES GARCIA

**MULHERES EM MOVIMENTO: MOBILIDADES, ESTRATÉGIAS E
SOBREVIVÊNCIAS NA FRONTEIRA ENTRE FOZ DO IGUAÇU (BRASIL),
CIUDAD DEL ESTE (PARAGUAI) E PUERTO IGUAZÚ (ARGENTINA)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia – Nível Mestrado –, da Faculdade de Ciências Humanas, da Universidade Federal da Grande Dourados, para obtenção do título de Mestre em Geografia

Orientador: Prof. Dr. Jones Dari Goettert

Dourados – MS
2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

G216m Garcia, Dalila Tavares

Mulheres em movimento: mobilidades, estratégias e sobrevivências na fronteira entre Foz do Iguaçu (Brasil), Ciudad del Este (Paraguai) e Puerto Iguazú (Argentina) [recurso eletrônico] / Dalila Tavares Garcia. -- 2021.

Arquivo em formato pdf.

Orientador: Jones Dari Goettert.

Dissertação (Mestrado em Geografia)-Universidade Federal da Grande Dourados, 2020.

Disponível no Repositório Institucional da UFGD em:

<https://portal.ufgd.edu.br/setor/biblioteca/repositorio>

1. Mulheres. 2. Almacenes. 3. Fronteira. I. Goettert, Jones Dari. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte.

MULHERES EM MOVIMENTO: MOBILIDADES, ESTRATÉGIAS E SOBREVIVÊNCIAS NA FRONTEIRA ENTRE FOZ DO IGUAÇU (BRASIL), CIUDAD DEL ESTE (PARAGUAI) E PUERTO IGUAZÚ (ARGENTINA)

BANCA EXAMINADORA

DISSERTAÇÃO PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE

Prof. Dr. Jones Dari Goettert - PPGG/UFGD

Prof. Dr. Marcos Leandro Mondardo - PPGG/UFGD

Prof. Dr. André Luís André – UFS

Dourados, 10 de dezembro de 2020.

Dedicatória

Pai (Nelson) e Mãe (Teresinha), pelas vezes que me ‘atrapalharam’, digo isso porque nas incontáveis vezes que ia à casa deles, e precisava estudar, eles iam até o quarto onde eu estava me chamar para fazer diferentes coisas, desde olhar o João-de-Barro, as araras e até os aviões que passavam lá pelo céu. E também por todas às vezes que me tiraram dos momentos de concentração para tomar café. Um café que podia durar sempre em torno de duas horas, porque as conversas se estendiam muito e nelas eu ficava sabendo de muitas histórias da vida deles. Alguns momentos, no entanto, foram de compartilhamento e alegrias, diferentemente de outros, bem difíceis para mim, principalmente aqueles em que eu os acompanhava às clínicas, hospital, laboratórios, consultas e, mais ainda, quando infelizmente descobria que algumas coisas não estavam muito bem.

A dificuldade não estava em fazer companhia, e sim no medo que eu sentia de saber que cada um deles poderia ter algo que eu não poderia ajudar como queria. A minha maneira de ajudar foi tentando me fazer presente, mesmo que por telefone, em momentos difíceis. E em outros abrindo mão de muitas coisas, para estar com vocês. Sinto-me orgulhosa por tudo o que passamos juntos e nem tão juntos assim. Afinal, por eu estar morando em outra cidade, isso dificultava um pouco. Além de todos os trabalhos de campo que fiz na fronteira, para dar vida a pesquisa, fiz também trabalho de campo em amor ao próximo. E em como ser solidária em momentos difíceis e tentar tornar tudo um pouco mais leve.

Entre clínicas, laboratórios, exames, papéis, agulhas, leito de hospital, cirurgias (foram várias) e resultados de exames nem sempre animadores, vejo que cresci como pessoa. Em alguns momentos, fiquei desesperada, chorei, pensei que não conseguiria chegar até aqui. Tive medo! O mais lindo foi ver o quanto nos apoiamos e nos amamos. Todos têm problemas, mas quando tem apoio também, as coisas se tornam um pouco mais leves. Cheguei até aqui por vocês e para vocês. Sinto orgulho de tê-los como meus pais, e espero que sintam o mesmo em me terem como filha. Não sou a melhor e estou bem longe disso, mas tento ajudar do modo que consigo.

Até aqui,

Obrigada!

Agradecimentos

(...) se depende sempre de tanta, muita, diferente gente. Toda pessoa é as marcas das lições diárias de outras tantas pessoas. E é tão bonito quando a gente entende que a gente é tanta gente onde quer que a gente vá. E é tão bonito quando a gente sente que nunca está sozinho, por mais que pense estar (...) Gonzaguinha

Uma dissertação não se faz sozinha, e em primeiro lugar quero agradecer a todas as mulheres que estiveram comigo, conversando, explicando e partilhando essas trajetórias na tríplice fronteira e um pouco de suas vidas.

Agradeço as professoras e professores por compartilharem seus conhecimentos em especial Alexandra Santos Pinheiro, Lisandra Pereira Lamoso, Esmael Oliveira, Aline Crespe, Grazi Acçolini, Gregório Dantas, Flávia Almeida, Jones Dari Goettert, Anne-Laure Amilhart Szary, Maristela Ferrari, Simoni Becker, Claudia Cristina Carvalho Victor Miranda e Alexandre Bergamin Vieira.

Agradeço ao Nelson e Elane, Felipe, Roberto, Josy, Midiane, Maria Regina, Ariel, Michelle, Rosane, Lidiane, Érica, Ana e Ana, Renata, Mirella, Guilherme, Patrícia, Camila, Cristiano, Keizy, Beatriz, Claudia, Bruno, Gustavo, José Victor pelos momentos de diversão e desabafos.

Agradeço em especial ao amigo/irmão Luiz Felipe, que sempre esteve presente durante as jornadas pela fronteira, me levando para conhecer outros mundos dentro daquele mundo tão diverso.

Agradeço a Érika, secretária do PPGG, que sempre atendeu prontamente todas as minhas dúvidas.

Agradeço aos professores André e Marcos pelas considerações durante a defesa, contribuindo para a finalização da dissertação e pelas palavras afetivas.

Agradeço ao meu orientador professor Jones por todas as contribuições.

Agradeço ao Sr. Zé, porteiro do residencial Monte Alegre, motoristas do ônibus, pessoal da biblioteca e terceirizados que também fazem parte dos atravessamentos durante o mestrado.

A Capes pela bolsa de pesquisa concedida.

Para além de pessoas, o momento da escrita também é acompanhado de músicas, silêncio, solidão, lágrimas, sorrisos, brincadeiras, dias de mau-humor, água, café e vinho.

Muito obrigada!

MULHERES EM MOVIMENTO: MOBILIDADES, ESTRATÉGIAS E SOBREVIVÊNCIAS NA FRONTEIRA ENTRE FOZ DO IGUAÇU (BRASIL), CIUDAD DEL ESTE (PARAGUAI) E PUERTO IGUAZÚ (ARGENTINA)

Resumo

Este trabalho aborda estratégias que mulheres paraguaias utilizam para manterem seus *almacenes* (pequenos comércios familiares alimentícios e de higiene) em funcionamento, pois deles garantem o sustento da família. Essas mulheres residem no bairro Área 4 em Ciudad del Este, e atravessam a fronteira entre Paraguai, Brasil e Argentina praticamente todas as semanas em busca de produtos que estejam mais baratos nos outros países, garantindo maiores sobrepreços quando revendidos. Buscamos entender o cotidiano dessas mulheres na Tríplice Fronteira. Falaremos brevemente sobre o início de Ciudad del Este, Foz do Iguaçu e Puerto Iguazú. No que tange aos *almacenes*, a construção de Itaipu teve fundamental importância, porque, nos anos 1970, de acordo com as mulheres entrevistadas, o acesso ao lado brasileiro era difícil e, com a ocorrência de falta de alimentos, tem início os *almacenes*, garantindo a venda de produtos e o seu próprio sustento. Antes como agora, pequenos furtos fizeram com que grades marquem os *almacenes*, não permitindo o acesso direto do consumidor com os produtos.

Palavras-chave: Mulheres. *Almacenes*. Fronteira.

MUJERES EM MOVIMIENTO: MOVILIDADES, ESTRATEGIAS Y SUPERVIVENCIA EM LA FRONTERA ENTRE FOZ DO IGUAÇU (BRASIL), CIUDAD DEL ESTE (PARAGUAY) Y PUERTO IGUAZÚ (ARGENTINA)

Resumen

Este trabajo trata de estrategias que mujeres paraguayas utilizan para mantener sus almacenes (pequeños comercios familiares alimenticios y de higiene) en funcionamiento, pues de esos, garanten el sustento de la familia. Las mujeres que hablamos para construir esa pesquisa, residen en barrio Área 4 en Ciudad del Este y atraviesan la frontera entre Paraguay, Brasil y Argentina prácticamente todas las semanas en busca de productos más baratos en otros países, garantiendo mayores sobrepuestos cuando revendidos. Buscamos entender el cotidiano de esas mujeres en la Triple Frontera. Hablaremos brevemente sobre el inicio de Ciudad del Este, Foz do Iguazu y Puerto Iguazú. Acerca de los almacenes, la construcción de Itaipu tuvo fundamental importancia, porque, en los años 1970, según las mujeres entrevistadas, el acceso al lado brasileño era difícil y, con la ocurrencia de la falta de alimentos, tuvo inicio los almacenes, garantiendo la venta de productos y su propio sustento. Antes como ahora, pequeños robos hicieron con que rejillas marquen muchos de los almacenes, no permitiendo el acceso directo del consumidor con los productos.

Palabras-clave: Mujeres. Almacenes. Frontera.

WOMEN ON THE MOVEMENT: MOBILITIES, STRATEGIES AND SURVIVAL ON THE BORDER BETWEEN FOZ DO IGUAÇU - BRASIL, CIUDAD DEL ESTE - PARAGUAI AND PUERTO IGUAZÚ - ARGENTINA

Abstract

This work addresses to strategies that Paraguayan women use to keep their almacenes (small family food and hygiene stores) in operation, for they take from them the family's livelihood. These women live in the Area 4 neighborhood in Ciudad del Este, and cross the border between Paraguay, Brazil and Argentina practically every week in search of products that are cheaper in the other countries, guaranteeing higher prices when resold. We seek to understand the daily lives of these women on the Triple Border. We will talk briefly about the beginning of Ciudad del Este, Foz do Iguaçu and Puerto Iguazú. Regarding to the almacenes, the construction of Itaipu was of fundamental importance, because, in the 1970s, according to the women interviewed, the access to the Brazilian side was difficult and, with the occurrence of food shortages, the almacenes started to work, guaranteeing selling products and supporting themselves. Before as now, the small thefts makes the protection grilles part of the almacenes, not allowing to the consumers direct access to products

Keywords: Women. Almacenes. Border.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Foto 1: Segunda etapa da construção da Ponte da Amizade.....	27
Foto 2: Central Hidrelétrica de Itaipu em construção.....	28
Foto 3: Vendedor ambulante.....	34
Foto 4: Vendedor ambulante de chipa e mulher indígena com sua criança.....	39
Foto 5: Entrada da Receita Federal, sentido Foz do Iguaçu/Ciudad del Este.....	41
Foto 6: Ponte da Amizade - movimento de veículos em direção à Ciudad del Este (lado esquerdo).....	42
Foto 7: Carrinho com produtos de vendedora ambulante na Ponte da Amizade.....	42
Foto 8: Vendedores ambulantes em frente a Aduana Paraguuaia.....	44
Foto 9: Shopping del Este e à sua frente vendedores ambulantes e moto taxistas.....	45
Foto 10: Vendedor de água e batatas de pote próximo ao Shopping del Este.....	46
Foto 11: Criança engraxando sapato pelo Microcentro de Ciudad del Este.....	47
Foto 12: Mercado de Abasto.....	48
Foto 13: Placa com a marca de Itaipu para identificar o Mercado de Abasto.....	49
Foto 14: Ponto de venda de cadeiras e produtos alimentícios em Ciudad del Este.....	50
Foto 15: Produtos expostos à venda no almacén.....	52
Foto 16: Máquina de Jogos.....	55
Foto 17: Galões de água, cerveja e outros produtos para comercialização.....	56
Foto 18: Freezer com alimentos e bebidas.....	57
Foto 19: Despensa Jorgito.....	58
Foto 20: Legumes expostos para venda.....	60
Foto 21: Porta de entrada do almacén.....	61
Foto 22: Produtos diversificados do almacén.....	63
Foto 23: Produtos expostos na prateleira.....	63
Foto 24: Microcentro ao final da tarde quando as mercadorias já foram guardadas e não há movimentação de pessoas.....	67
Foto 25: Guardador de mercadorias com cadeados para proteger de furtos.....	67
Foto 26: Freezer com cadeados.....	68
Foto 27: Vendedora de artesanatos no centro de Puerto Iguazú.....	71
Foto 28: Distribuidora em Puerto Iguazú e donas de almacenes.....	72
Foto 29: Comércio na Feira de Puerto Iguazú.....	73
Foto 30: Produtos da Feirinha.....	74
Foto 31: Ônibus que faz o transporte de pessoas entre Puerto Iguazú e Foz do Iguaçu.....	75
Foto 32: Cartaz com preço da laranja em real e guarani.....	77
Foto 33: Caixas de laranja sendo descarregadas no hortifrutigranjero.....	78
Foto 34: Sacos e caixas de laranja expostos para venda.....	79
Foto 35: Caminhão carregado de frutas.....	79
Foto 36: Comércio de roupas usadas na Vila Portes.....	80
Foto 37: Informações na parede indicando vendas por atacado e varejo.....	81

LISTA DE MAPAS

Mapa 1: Microcentro de Ciudad del Este	33
Mapa 2: Localização de Puerto Iguazú na Tríplice Fronteira.....	35
Mapa 3: Localização do bairro Vila Portes na fronteira entre Brasil e Paraguai	76

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Mapa com a localização dos conjuntos habitacionais em Foz do Iguaçu e Ciudad del Este.....	30
Imagem 2: Implantação do conjunto habitacional “Área 4” e detalhe da sua localização na zona de fronteira	51

SUMÁRIO

SUMÁRIO	12
CAMINHOS INICIAIS	13
CAPÍTULO 1	15
OS CAMINHOS ENTRE EU E AS “OUTRAS”	15
1.1 Enxergar além do olhar	15
1.2 Encontros e passagens entre-mulheres: entrelinhas de fronteiras outras	17
1.3 Nos caminhos da pesquisa de campo	22
1.4 Fotografar é percorrer lugares	23
CAPÍTULO 2	25
UM POUCO SOBRE A TRÍPLICE FRONTEIRA BRASIL, ARGENTINA E PARAGUAI	25
2.1- Construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu	27
2.2 – Início das Vilas construídas por Itaipu e início dos <i>almacenes</i>	29
2.3 – Microcentro de Ciudad del Este	33
2.4 – Feira Central de Puerto Iguazú	35
CAPÍTULO 3	37
PRIMEIRAS ORIENTAÇÕES NA TERRA DAS CATARATAS E TRAJETOS PELA TRÍPLICE FRONTEIRA	37
3.1 Da cidade das Cataratas à cidade das compras	39
3.2 – Cidade das compras, uma cidade quase igual todas as outras	44
3.3 - A família e o trabalho	65
3.4 Ida para a cidade dos doces, queijos e vinhos.....	68
3.5 - Ida ao bairro do atacado e varejo	75
3.6 - As viagens de compra pela fronteira e as relações de sociabilidade estabelecidas entre as donas de <i>almacenes</i> , a família e os vizinhos	81
3.7 – O trabalho doméstico	83
CONSIDERAÇÕES FINAIS	91
FONTES ORAIS	93
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	94

CAMINHOS INICIAIS

Ao caminharmos pela região da tríplice fronteira que compreende Foz do Iguaçu, Ciudad del este e Puerto Iguazú, respectivamente Brasil, Paraguai e Argentina, somos surpreendidos com tamanha diversidade. É possível perceber a mistura de rostos, idiomas, culturas, mercadorias, religiões, moedas e também etnias que transitam de um lado para outro. A realidade presente ali é extremamente dinâmica e marcada por fluxos intensos e diversificados de deslocamentos humanos.

Além do encontro das três cidades, temos também o encontro dos rios. Foz do Iguaçu e Ciudad del Este são separadas pelo rio Paraná e unidas pela Ponte da Amizade. Puerto Iguazú e Foz do Iguaçu estão separadas pelo rio Iguaçu e unidas pela Ponte Tancredo Neves, que tinha por nome original Ponte da Fraternidade.

Fez-se necessário as pesquisas bibliográficas e o trabalho de campo que foi realizado em Ciudad del Este no Paraguai, em Foz do Iguaçu no Brasil e Puerto Iguazú na Argentina. As três cidades juntas compreendem a tríplice fronteira, local de diversas oportunidades de trabalho e estratégias comerciais, turismo, mas também de pobreza e desigualdade social.

Os *almacenes* que de acordo com Garcia (2016) são pequenos comércios familiares e extensões da casa, possuem donos e donas, no entanto, nessa pesquisa em especial, abordamos apenas os que são de mulheres, porque um dos recortes aqui parte da perspectiva de gênero. A maior parte dos *almacenes* são de donas mulheres. Esse tipo de comércio é muito comum no Paraguai, mas aqui só abordaremos os *almacenes* no bairro Área 4 em Ciudad del Este.

Ao caminhar pelas diferentes ruas dos três países, ouço muitos diálogos, as falas estão presentes em todos os lugares que percorremos. Escutar conversas aleatórias faz parte do nosso percurso, fazendo com que consigamos expandir os horizontes acerca de nossa imaginação. São muitas informações, são declarações de amor, são problemas da vida cotidiana, são relatos sobre algum acontecimento na fronteira, são sentires e fazeres de vidas que circulam e vivem na fronteira. A fronteira é uma explosão de cheiros, cores, etnias, idiomas, sons, rostos, sorrisos, crimes, pobreza, desigualdade social, amores, tristezas, belezas, entre tantas outras coisas.

O Capítulo 1 aborda alguns momentos da trajetória da pesquisa e encontros com donas de *almacenes* e também com uma vendedora ambulante no centro de Foz do Iguaçu

faz durante as travessias de um lado para outro da fronteira, os seus momentos de lazer. Aqui, coloco também um pouco de algumas situações que me deparei durante a pesquisa de campo e o quanto isso me afeta, tanto como pesquisadora, quanto mulher. Abordamos também a importância do uso de fotografias para entendimento do cotidiano fronteiriço.

O Capítulo 2 aborda o início das cidades de Foz do Iguaçu, Ciudad del Este e Puerto Iguazú e também o início das vilas construídas por Itaipu em Foz do Iguaçu e Ciudad del Este, e como, a partir da construção das vilas e da Ponte da Amizade, surgiram os *almacenes*.

O Capítulo 3 trata dos trabalhos de campo realizados no ano de 2018 e 2019, na região da Tríplice Fronteira. Nesse capítulo contamos sobre as nossas trajetórias ao iniciarmos os trabalhos de campo, sobre pessoas que encontramos, sobre as observações feitas em lugares que andamos nos três países, descrevendo nossos trajetos para que o leitor possa ter uma melhor dimensão do que estamos falando. O uso de imagens ilustra os lugares, paisagens, *almacenes* e o cotidiano presente nessa fronteira tão singular. Aqui tratamos também das trajetórias e estratégias que as mulheres donas de *almacenes* utilizam para conseguirem sobreviver e comprar produtos para revenderem com maior sobrepreço. Tais estratégias só são possíveis por estarem nessa região que possibilita que elas tenham muitas opções de comércio, podendo escolher os que lhes oferecem melhores preços, visando o lucro final.

Ainda no Capítulo 3 mostramos um pouco do cotidiano dessas mulheres durante as travessias de um lado para outro da fronteira, os seus momentos de lazer e suas amizades. Trabalhar, nesse caso, é também conhecer a vida das outras que estão na mesma via, às vezes elas são vizinhas e acabam se tornando amigas, revezando nos cuidados com os filhos umas das outras. Outro assunto abordado será o trabalho produtivo juntamente com o trabalho reprodutivo feminino, levando em conta que o Paraguai é um dos países com maior desigualdade entre homens e mulheres. À mulher, sempre é dada a responsabilidade de cuidar dos filhos, e também trabalhar, o que gera sobrecarga de atividade não sobrando tempo nem para cuidados básicos com a saúde.

CAPÍTULO 1

OS CAMINHOS ENTRE EU E AS “OUTRAS”

1.1 Enxergar além do olhar

Enxergar além dos olhos talvez seja o mais bonito e sincero enxergar as “Outras” que são mulheres donas de *almacenes* em um bairro periférico de Ciudad del Este. O olhar me permite ver, o sentir me permite enxergar para além dos olhos, os pequenos movimentos e gestos, ora com suavidade, ora retraídos, calculados, desengonçados, forçados, imprimem respostas que não são ditas por palavras, ou que ao contrário, o são, mas não condizem. Palavras e gestos se contradizem.

Enxergar além das fronteiras do olhar, perceber o corpo e o sentir da outra, o olhar do outro. Ver e sobretudo sentir pelo e além do olhar é uma conquista. Enquanto pesquisadora, meu corpo também imprime muitas coisas.

Uma das coisas que sempre faço, quase como um ritual, é me abaixar e ficar com meu olhar na altura do olhar da minha entrevistada, e sinto assim uma maior proximidade, ainda que talvez somente eu tenha essa percepção.

São olhares que se encontram e se desviam o tempo todo, olhares que entendem até mesmo o que não é dito. Cada pessoa com quem converso me faz explodir em muitos sentimentos, pode ser raiva, indignação por injustiças a que elas são acometidas o tempo todo, e também ternura, carinho, emoção... E às vezes o mais difícil é segurar o choro.

São tantas histórias tristes que me fazem perder as palavras, e que me obrigam a me recompor diversas vezes em cada conversa. A proximidade, a empatia, esse “me colocar no lugar do outro”, me trazem distintas emoções. O medo também está presente em algumas situações, quando percebo que pessoas que desconheço estão me observando, e/ou fazendo sinais para as mulheres que entrevisto para que estas não falem comigo, ou ao escolherem falar, que mintam ou omitam coisas.

Talvez tudo isso tenha me enriquecido muito como pesquisadora. Certamente como pessoa saí mais rica destas experiências, enxergando, sobretudo, a humanidade presente fortemente em cada uma dessas mulheres.

A fronteira da pesquisadora com a entrevistada é a mais difícil, já não sei definir quando sou a pesquisadora e quando sou a mulher, pois tento me colocar no lugar delas. A confusão entre a pesquisadora e a mulher é constante, ao ponto de poder dizer que em momento algum elas se separam.

Falo dessa fronteira porque não enxergo a “Outra” apenas como um objeto de pesquisa, e sim como o ser humano que é, e que merece todo o meu respeito e que ainda, se possível, que minha pesquisa seja efetivada garantindo a melhoria da qualidade de vida-trabalho de cada uma delas.

Cada olhar, cada gesto e cada carinho que recebo durante as conversas ficam eternizados na memória. Olhares cativantes, desconfiados, medrosos, receptivos, carinhosos. Sorrisos, corpos retraídos, mãos que se encontram, alimentos recebidos (salgadinho), e até mesmo um pano de prato, porque a entrevistada se recordava de mim com carinho.

Em um dos dias da pesquisa de campo, encontro com Marlene, uma senhora que vende panos de prato no terminal de transporte urbano de Foz do Iguaçu. Morávamos no mesmo bairro, e por vezes nos encontramos no ônibus na hora de ir para casa. Com ela a primeira conversa aconteceu quando despretensiosamente comprei seus panos de prato (5 deles por apenas R\$10,00). Isso ocorreu, se a memória não me trai, no ano de 2014, não me recordo ao certo. Depois em mais um contato, ela me viu acompanhada de meu pai, que estava em Foz do Iguaçu visitando a mim e meu irmão, quando olhou para ele e disse: “Veio visitar a filha, né? Que orgulho dela, né?”.

Ela provavelmente sabia que eu era estudante na Universidade Federal da Integração Latino-americana – UNILA em Foz do Iguaçu e morei ali por cinco anos, época em que cursava Geografia, por diversas vezes já tinha me visto com o crachá, do PTI (Parque Tecnológico de Itaipu), que tínhamos que usar devido as aulas acontecerem dentro do mesmo. Depois, por diversas vezes, os contatos eram estabelecidos por olhares e sorrisos (de minha parte sempre tímidos). Para deixar claro, não forcei esses contatos, eles aconteceram, assim como o cotidiano nessa fronteira, da qual estudo. A entrevista com ela aconteceu apenas no ano de 2017, sem planejamento, no mês de outubro. Eu estava acompanhada de um amigo, fui para ajudá-lo em sua pesquisa, e ao adentrarmos o Terminal de Transporte Urbano de Foz do Iguaçu a encontramos. Conversamos com ela

e explicamos que estávamos fazendo uma pesquisa com pessoas que trabalhavam vendendo seus produtos na fronteira e se ela poderia nos ajudar respondendo algumas questões, e ela prontamente nos atendeu. Sentamos em um banco no terminal e lá começamos a conversar; a conversa durou cerca de duas horas, durante esse tempo, ela saiu também para vender seus panos de prato e atendeu, mesmo junto com a gente, clientes que foram comprar seus produtos. Em uma de suas saídas, ganhou um pacote de salgadinho e depois o trouxe até eu e Luiz Felipe (meu amigo pesquisador), nos ofereceu e também alertou que estava muito salgado e mais uma vez saiu vender seus panos de prato, e claro nos dizendo que já voltaria para continuar a entrevista, e de fato voltou.

Muitas vezes é preciso atravessarmos as nossas próprias fronteiras para enxergar a realidade da Outra. A realidade do outro lado da fronteira pode ser bem diferente do que vemos. Cada pessoa com a qual interagi durante a pesquisa, me ensinou a transpassar um pouco de mim mesma. O aprendizado foi grande, os momentos de indignação comigo e com o mundo também. Através delas, foram expostas minhas hipocrisias, minhas certezas e dúvidas como mulher, branca, pesquisadora e também como ser humano. Vários foram os tombos e as recomposições quando via seus olhares expressarem tristezas, indignações, alegrias e tantas outros sentimentos, mas tudo só serviu para me fazer querer fazer parte da voz daquelas mulheres, que são mães, trabalhadoras, guerreiras, estudantes, donas de casa e raras vezes se lembram que são mulheres e cuidam si mesmas. É evidente que tudo isso ainda seja imposto pela nossa sociedade hipócrita, que condiciona as mulheres a unicamente pensarem nos filhos, nos almoços e jantares e esquecerem de si mesmas.

1.2 Encontros e passagens entre-mulheres: entrelinhas de fronteiras outras

A dissertação é composta por diferentes imagens que foram feitas ao longo de minhas caminhadas pela fronteira entre Foz do Iguaçu, Ciudad del Este e Puerto Iguazú.

Para a realização da pesquisa, foram realizadas várias observações *in loco*, registros de fotografias de lugares percorridos, entrevistas, descrição dos lugares, percepções sobre os *almacenes* e a rotina das mulheres que dali tiram seu sustento e de suas famílias. Em alguns momentos, relatamos também algumas dificuldades sobre o trabalho de campo e sobre as entrevistas. Em alguns casos, as entrevistas foram canceladas porque os entrevistados não forneciam informações ou simplesmente paravam a conversa.

No ano de 2015 surgiu a ideia de pesquisar sobre os *almacenes*, que são pequenos comércios familiares. No início pesquisamos sobre as relações sociais entre os donos de *almacenes* e os moradores do bairro. Aqui, pesquisávamos homens e mulheres. A pesquisa apenas com mulheres se iniciou no mestrado. O bairro pesquisado se chama Área 4, e foi construído por Itaipu, mas ao longo dos anos ganhou novos contornos, e foi sendo construído por pessoas que vivem ali. Sobre o início do bairro falaremos no próximo capítulo. A ideia é fazer um rápido comentário para mostrar a importância dos *almacenes* durante o processo de construção de Itaipu e Ponte da Amizade.

Quando iniciamos a pesquisa, lá no ano de 2015, enfrentamos alguns problemas porque vários *almacenes* tiveram que ser fechados porque uma rede de supermercados de Asunción, instalou uma de suas filiais em Presidente Franco, fazendo com que muitos moradores optassem pelo novo mercado e deixasse de comprar nos pequenos comércios. Conseguir entrevistas durante esse processo foi complicado porque muitos donos acreditavam que nós poderíamos ser de alguma outra rede de supermercado e que estávamos em busca de novas informações. Como alguns donos e donas nos informaram, antes da instalação da filial da Rede Super 6, apareciam muitas pessoas no bairro fazendo diferentes perguntas sobre preço dos produtos, quais os produtos eram mais consumidos, formas de pagamento entre outras, e além disso presenteavam as pessoas depois de conseguirem as informações que precisavam. A desconfiança estava sempre presente.

Quando decidi fazer mestrado na Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), me candidatei para a vaga e apresentei um projeto de pesquisa. Nesse projeto, havia minhas indagações sobre as estratégias que as donas de *almacenes* usavam para manter seus pequenos comércios familiares. Ao relembra a seleção de mestrado, lembro-me também de flashes da graduação. Lembrar isso me leva a crer que escrever é também mostrar com já fomos e não somos mais os mesmos e como vamos sendo transformados e atravessados na/pela vida.

Durante a graduação, experimentei muitos momentos que me provocaram a pensar sobre aquela fronteira. As aulas que movimentavam os pensamentos e jeito de levar a vida. Algumas aulas aguçavam a minha curiosidade.

Lembro-me das aulas de espanhol onde a professora apresentava algumas situações do cotidiano e tínhamos que responder em espanhol, é claro. Essas aulas me encantavam e me faziam pensar em possibilidades outras por estar aprendendo um novo idioma. Não imaginava ainda que o espanhol me ajudaria na produção do Trabalho de Conclusão de Curso. Muitas aulas me traziam admiração pelos movimentos que iam

fazendo na minha vida. Havia também algumas aulas que eram bem no estilo que chamamos disciplinas. Não havia movimentos, não havia gentes, eram apenas um conjunto de cadeiras enfileiradas, *slides*, paredes, um quadro para anotações e professor/professora. Algumas aulas eram frias. Não havia nelas emoções, discussões que incluíssem o Outro. Já em outras aulas a presença do Outro era tão intensa que não tinha como não se emocionar.

Durante a graduação atravessei a fronteira de vários cursos, caminhei pela Arquitetura, Antropologia, História e Desenvolvimento Rural. Durante a graduação participei de projetos de extensão onde trabalhamos sobre fronteira. Os projetos foram desenvolvidos em escolas do Ensino Médio em Foz do Iguaçu e em Ciudad del Este e, no Professorado em Puerto Iguaçu, equivalente a nossa graduação. Essa experiência nos proporcionou muitas reflexões sobre como os alunos que são moradores da fronteira, enxergavam a fronteira. Durante o projeto desenvolvemos algumas atividades, entre elas, uma troca de cartas, onde os alunos brasileiros, paraguaios e argentinos contariam um pouco de suas experiências de vida. Alguns contaram sobre as músicas preferidas, outros sobre suas comidas, sobre relações em casa e com os colegas. Foram várias situações relatadas nessas cartas. Depois, foram feitas as trocas das cartas. Quando os alunos recebiam as cartas iam percebendo que a fronteira que os separava, era a mesma que mostrava o que eles tinham em comum. Independente do país em que nasceram, eles tinham vidas muito parecidas. A fronteira que os separava geograficamente, era a mesma que os aproximava em situações cotidianas.

O processo da graduação foi muito enriquecedor do ponto de vista acadêmico e de atravessamentos de fronteiras outras. A possibilidade de participar de projetos a serem desenvolvidos em outros países contribui significativamente para conhecer outras realidades, similaridades e diferenças. Acredito que sem todas essas experiências, não teria sido possível desenvolver a pesquisa. A partir dessas experiências é que foi possível o entendimento do modo de viver das pessoas na fronteira, e também a observação de diferentes situações enquanto fazíamos os deslocamentos para executar o projeto.

As diversas vezes que atravessamos a Ponte da Amizade, nos proporcionaram momentos únicos, em vários deles pudemos inclusive ver que as mercadorias de donas de *almacenes* tinham sido apreendidas, e registramos o momento.

Ainda durante a graduação tentei ingressar no mestrado e não fui aprovada. Decidi ir para Dourados e fazer algumas disciplinas como aluna especial. Durante 2017, cursei 5 disciplinas, passei pelos mestrados de Geografia, Letras, História e Antropologia.

Durante essas disciplinas fui entendendo algumas coisas que precisaria para seguir com a pesquisa. A partir delas, mudei algumas coisas no meu projeto. Tentei mais uma vez a seleção na UFGD e dessa vez consegui. Não me continha de felicidade. Estava começando a realização de um sonho. Na minha família, fui a primeira a entrar no mestrado.

Já em 2017, 2018 e 2019, quando ainda frequentava o bairro durante os trabalhos de campo, a realidade mudou. Era possível ver que as instalações do que antes eram *almacenes*, agora era somente mais um cômodo a mais da casa, fechado, porque ali não funcionava mais um comércio. Em algumas casas, os vizinhos nos contaram que as famílias foram embora já que com a falência dos *almacenes*, não conseguiam manter o sustento e pagar as contas mensais.

O estudo com as moradoras da área apresentou alguns momentos tensos, levando em conta a recente instalação da filial da rede de supermercado Super 6 de Asunción. Conseguir a confiança dessas mulheres levou algum tempo. Essas mulheres passaram por situações de angústia, medo, preocupações e como não poderia deixar de ser, passaram por situações de solidariedade entre elas, ajudando-se quando necessário nas longas jornadas de compras no Brasil e na Argentina. A solidariedade entre elas, sempre foi destacada. Um cuidavam dos filhos das outras em suas casas nos períodos em que eram necessários.

O momento da pesquisa acompanhou algumas mudanças no bairro, que parecem pequenas, mas se forem observadas detalhadamente, revela o que acontece em muitas cidades com a instalação de redes de supermercado, que acabam fazendo com que os comércios de pequenos proprietários tenham grandes prejuízos ou sejam fechados porque não conseguem manter os preços e assim os clientes acabam migrando para outros locais de compra. Esse movimento acontece em várias cidades, é algo comum, no entanto, não é algo que seja questionem sobre as famílias que estão passando pela situação.

No ano de 2018, após ingressar no mestrado, fizemos algumas visitas ao bairro Área 4. A primeira foi em março/abril onde percorremos várias ruas do bairro para observar os *almacenes* e ter um olhar mais detalhado sobre o funcionamento, mesmo que já o conhecesse de anos anteriores. Nessa visita, conversamos com várias mulheres donas de *almacenes*, a maioria nos atendeu sem maiores problemas, no entanto, algumas se recusaram a conversar por medo que fôssemos fiscais de *La Municipalid* (prefeitura).

A desconfiança esteve presente na maioria das entrevistas. Sempre explicamos que estávamos fazendo essas conversas a fim de realizar uma dissertação de mestrado

sobre esses pequenos comércios que são tão importantes para as famílias que ali residem, tanto as que são donas dos comércios, quanto as famílias que compram os produtos. Algumas tardes durante a pesquisa, caminhamos pelas ruas do bairro observando o movimento dos moradores, as árvores, as galinhas soltas pela rua, as crianças que saiam da escola e iam para a casa, até mesmo o jeito que as mães, donas de *almacenes*, agiam com os filhos que estavam na casa no momento da conversa.

Com a entrada começaram as dúvidas e inseguranças para iniciar a escrita. Pensava em como poderia produzir uma dissertação a partir dessas mulheres. Eu não sabia como poderia escrever sobre, apesar de já ter o projeto pronto e um caminho a seguir. Tive angústias, travei em alguns momentos, principalmente na produção da escrita. Lia textos, lembrava dos trabalhos de campo, das conversas com as mulheres e parece que não saía algo que pudesse dar continuidade ao processo de escrita.

Com o primeiro trabalho de campo do mestrado que foi acompanhado pelo orientador, como já descrito anteriormente, as ideias começaram a surgir, as palavras foram se fazendo em linhas e parágrafos. Durante as disciplinas do mestrado, não apenas no curso de Geografia, mas agora também, além dos outros, estava fazendo disciplina na Sociologia, fui tendo mais dúvidas sobre como conciliar o que eu propus inicialmente com os novos aprendizados.

Conversar com essas mulheres me fez estar entre fronteiras. Fronteiras de aproximação e separação. Tínhamos nossas semelhanças e diferenças. O que prevaleceu foi o respeito.

Eu, sendo estudante quando muitas delas sequer estudaram. Eu brasileira, elas paraguaias. Eu falante de português e elas *hablantes de español*. E todas mulheres. Apesar de não ser dona de *almacén*, sou mulher e isso me promove uma passagem para conhecer certos que lugares que um homem não conheceria. Ainda que em algumas situações eu tenha percebido olhares desconfiados, entendo que o fato de serem abordadas por outra mulher as deixava mais à vontade. Existem fronteiras onde nos tornamos mais próximas e mais distantes, o ser mulher, o falar espanhol, possibilidades outras que não seriam possíveis de serem atravessadas por um homem por exemplo.

Quando adentrei ao campo, pude experimentar diferentes sensações, sobre o quanto estávamos distantes e tão próximas. As histórias e trajetórias de vida tão diferentes, nos afastavam, mas era por elas, também que estávamos nos aproximando. Ouvir essas mulheres, foi um convite a experimentar um outro mundo que eu não estava acostumada.

Fiquei atenta ao que cada uma me falava e aos poucos fui descobrindo muitas coisas sobre o cotidiano das donas de *almacenes* que não seriam possíveis de serem descobertas apenas pela observação. Estava atenta ao conhecimento que cada uma disponibilizava. Ali era o mundo daquelas mulheres. Todas essas histórias me atravessaram. A intenção era que elas falassem por elas e eu ficasse na escuta, mas interagindo como em qualquer conversa. Alguns momentos me causavam estranheza e me deixavam cheia de dúvidas sobre as falas. Parece que a fala dizia uma coisa, mas corpo e olhar queriam dizer outra. O que estava nas entrelinhas?

Atravessada por todas as histórias-trajetórias de vida é que construí essa dissertação. Cercada de desassossegos, pelas mulheres que ali me contaram suas vidas, pelas palavras, silêncios e olhares que atravessavam a minha existência, talvez, redesenhando toda o que já estava planejado.

Fotos, sorrisos e palavras foram trazidos para tentar captar o que acontecia nas entrelinhas da fronteira. Para conseguir seguir a pesquisa me propus a ir além de ouvir, quis observar as formas como elas agiam. Mãos, olhos e expressões falam muito. Observando isso conseguia agir com mais sensibilidade diante daqueles corpos que eram atravessados por lutas diárias pela sobrevivência.

Quando as conversas aconteciam, as linhas ora se entrelaçavam, ora se soltavam. Acredito que em vários momentos fui apenas a brasileira que estava fazendo uma pesquisa. Em momentos outros as linhas se encontravam e começavam a tecer a costura da escrita. É através da escrita que vamos seguindo os caminhos. É através da escuta que os caminhos vão sendo traçados. As linhas e as entrelinhas nos deram informações. O trabalho foi coletivo. Não seria possível ter feito nada sem essas mulheres que enriqueceram cada linha com suas histórias e trajetórias. É um trabalho composto de olhares, sorrisos, crianças, mulheres, peles, cheiros, trabalhos, serviços domésticos, cuidados com os filhos, separações, frustrações e fronteiras.

1.3 Nos caminhos da pesquisa de campo

Caminhar por aquela fronteira é passar por dificuldades que foram desde encontrar mulheres que nos atenderiam, respondendo os nossos questionamentos e contando sobre suas trajetórias. Em alguns momentos da pesquisa a floraram sentimentos. Tentamos manter a objetividade, mas em alguns momentos fomos atravessados por risadas, medos e momentos de extrema seriedade ao ouvirmos as trajetórias dessas mulheres. Uma

entrevistada nos contou sobre as dificuldades de criar os filhos sozinha já que o companheiro a abandonou com as crianças e o *almacén* foi o que garantiu o sustento da família, já que possibilitava o cuidado com os filhos e o trabalho com ganhos.

Na pesquisa passamos por várias situações, algumas vezes sozinhas e outras que são compartilhadas com as pessoas que conversamos quando ouvimos sobre suas trajetórias e muitas vezes suas histórias de uma vida cheia de lutas e sofrimento.

A escolha pelo bairro a ser estudado veio depois de algumas conversas com um amigo que me contou que ali na Área 4 tinham muitos *almacenes* e que isso ajudaria no desenvolvimento da pesquisa. Por ali, não conhecíamos ninguém. Começamos a caminhar pelo bairro sozinhos em busca de pessoas que pudessem nos ajudar. Andamos um pouco pelo bairro e logo encontramos o primeiro *almacén*, e a partir dele fomos andando pelo bairro e encontrando tantos outros.

Ao caminhar pelo bairro, íamos encontrando várias pessoas, muitas delas mulheres, embaixo de árvores, sentadas em bancos de madeira ou cadeira de fio, acompanhadas de outras mulheres e algumas crianças, tomando tereré. Por serem moradoras antigas do bairro, ficavam nos observando, pois éramos estranhos ali. Ser mulher, me proporcionou acessos a locais que acredito não teriam sido acessados por um homem.

1.4 Fotografar é percorrer lugares

Ao longo da dissertação encontramos 36 fotografias que fizeram parte da narrativa para ilustrar os lugares que caminhamos, os *almacenes*, entre outros momentos da pesquisa, considerando que o uso de imagens é também importante para representar a mobilidade espacial. A opção por colocar fotografias como técnica de pesquisa aconteceu como uma tentativa de registrar os diferentes momentos e movimentos presentes na tríplice fronteira que compreende o Brasil, o Paraguai e a Argentina. Claro que também, registrar e guardar como memória, fotos dos *almacenes* da Área 4. Nessas fotos temos o registro de diferentes produtos que são comprados em Ciudad del Este, Foz do Iguaçu e Puerto Iguazú.

As fotos *interpretam*¹ diferentes momentos em que estivemos na tríplice fronteira. Foram momentos de observações sobre as práticas comerciais que ali aconteciam,

¹ A fotografia é também a produção de uma paisagem (de um lugar, de um território), *forjando um imaginário* a partir de uma *decifração* (cf. COSTA, 2014, p. 86). E isso pressupõe um *olhar*, sendo, por

momentos que em que víamos o descaso com pequenas crianças que precisam vender meias, balas ou algum outro produto para garantir seu alimento. Vimos muitas mulheres ambulantes vendendo sobretudo meias e calcinhas, acomodadas em malas ou em sacolas de camelô, aquelas sacolas todas coloridas e que cabem muitas coisas. Vimos interações entre pessoas, as mais diferentes interações, eram comerciais, de negociações e também afetivas. Foi muito comum vermos casais que andavam de mãos dadas pela Ponte da Amizade e pelas ruas de Ciudad del Este. Durante à noite, ao atravessarmos outra fronteira, através da Ponte da Fraternidade que liga o Brasil com a Argentina, era possível observar nos bares e restaurantes, relações afetivas entre casais e relações de amizade entre pessoas que compartilhavam a mesa, os alimentos, as bebidas, os sorrisos e tantas histórias que aconteciam e aconteceram.

Milton Santos (1988, p. 61) fala que a paisagem representa “tudo o que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio visível, aquilo que a vista abarca. É formada não apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc.”. A paisagem pode ser natural ou artificial. A natural é que não sofreu interferência humana, essa já não existe mais. A artificial é a que sofreu interferência humana. A paisagem é heterogênea e quanto maior a interação, maior é a diversidade da paisagem.

Os registros contidos em fotos e imagens são importantes para entendermos as mudanças e as configurações do espaço geográfico, então, a fotografia é um valioso registro documental de uma época, pois registra o que é visto no presente e futuramente poderá servir para o entendimento das transformações ocorridas no espaço e no tempo.

isso, uma “questão de posição: ponto de vista, composição e exposição” (cf. GOMES, 2013, p. 17 e seguintes). Porque, também quando se pesquisa, não encontramos a Terra em si, mas como *feição*, como face ou como “pedaço” do mundo (cf. DARDEL, 2011, p. 44). E a *captura* dessa Terra, por isso, necessita de um *olhar* e de um *método* que seja mais afeito à sensibilidade de *se afeiçãoar*, como que *contra o método* científico objetivo, rígido e sem linhas de fuga (em aproximação a FEYERABEND, 1977).

CAPÍTULO 2

UM POUCO SOBRE A TRÍPLICE FRONTEIRA BRASIL, ARGENTINA E PARAGUAI

A reocupação² da região teve início após a Guerra do Paraguai pelo Brasil e Argentina. No ano de 1988, instalou-se a colônia militar do Iguaçu, porque os governos da Argentina e do Brasil estabeleceram postos de segurança para atuar entre os Rios Paraná e Iguaçu, já que a região era estratégica e os cursos d'água tinham muita importância na comunicação e transporte quando ali era pouco habitado. Com a instalação desses postos militares, desenvolveram-se as cidades de Foz do Iguaçu, em 1914, e Puerto Iguazú, em 1901. Já Ciudad del Este como é chamada atualmente, já foi Puerto Flor de Liz e Puerto Presidente Strossner, sendo fundada em 1957.

A zona fronteira é uma zona híbrida, babélica, onde os contatos se pulverizam e se ordenam segundo micro-hierarquias pouco suscetíveis de globalização. Em tal zona, são imensas as possibilidades de identificação e de criação cultural, todas igualmente superficiais e igualmente subvertíveis (SANTOS, 1993, p. 49)

Em uma perspectiva mais simples, o limite começa e termina em uma linha que marca os estados por ela limitados. Há também delimitação física, com muros, cercas, pontes, etc.

Dentro de suas fronteiras, o governo tem autoridade. O que acontece do outro lado da linha, ainda que seja bem próximo, não lhe compete decisões, desde que não comprometa interesses nacionais.

A fronteira é o espaço das negociações. Ali, quase tudo se negocia, e é assim que as donas de *almacenes* usam suas estratégias para sobreviverem e manterem seus comércios em Ciudad del Este. Há vários tipos de fronteiras, podendo ser terrestres, aéreas, marítima e fluviais, e todas elas, costumam ser vigiadas para garantirem a soberania do Estado e para evitar que haja entrada de produtos considerados ilegais e

² Fazemos uso do termo “reocupação” porque entendemos que ali já era espaço de ocupação *tradicional, nativa e constante* de povos indígenas. A partir das investidas tanto de Portugal quanto Espanha (e depois dos interesses nacionais brasileiro, paraguaio e argentino), no século XVI em diante, esses povos vão sendo étnica e espacialmente violentados, alguns exterminados, outros dizimados, mas muito deles ainda re-existindo, como os Maká (presentes na cidade de Ciudad del Este) e os Guarani (presentes em Puerto Iguazú), por exemplo.

entrada clandestina de pessoas. No entanto há outros meios também de se garantir a soberania por outras vias.

Ao mostrar as diferenças entre limite e fronteira, Machado (1998), destaca que “enquanto o limite jurídico do território é uma abstração, gerada e sustentada pela ação institucional no sentido de controle efetivo do estado territorial, portanto, um instrumento de separação entre unidades políticas soberanas, a fronteira é lugar de comunicação e troca” (MACHADO, 1998, p.1).

A Tríplice Fronteira pode ser caracterizada por várias particularidades que a convertem em espaço transnacional. São núcleos urbanos ricos em recursos naturais, culturais, hídricos e energéticos, além de destacada atividade comercial que incentiva o intercâmbio entre o Brasil, Paraguai e Argentina. Grande ícone da fronteira é a diversidade cultural através da presença de imigrantes de diversas origens, como paraguaios, argentinos, brasileiros, libaneses, chineses, coreanos, japoneses, indígenas, entre outros, muitas vezes vinculados a movimentos internacionais de indivíduos que se deslocam em busca de oportunidades de trabalho, imigrantes recentes e de processos de integração aos contextos nacionais que assumem características singulares, como exemplo a imigração árabe, que são os principais proprietários das lojas do Paraguai e de vários comércios em Foz do Iguaçu, alcançando uma posição econômica destacada, assim como os imigrantes da China e da Coréia do Sul que também se destaca, pela atividade comercial (BIESEK e PUTRICK, 2003).

De modo geral áreas de fronteira possuem vantagens que não podemos encontrar em outras áreas, pois cada lado da fronteira oferece diferentes benefícios. A estratégia de usar várias dessas vantagens pode gerar situações de grande aproveitamento para a população que ali vive, por ser lugar de grande circulação de produtos e mercadorias. Essa vantagem é cotidianamente utilizada pelas donas de *almacenes* em Ciudad del Este que usam a fronteira, como lugar de sobrevivência e para isso, pesquisam preços das mercadorias que irão revender em seus pequenos comércios familiares. No entanto, podemos pensar que a fronteira abre possibilidades para variados tipos de exploração, exposição e precarização do trabalho.

Essa facilidade em circular nos diferentes países, também gera efeitos negativos como o contrabando, tráfico de drogas, armas e também de pessoas.

Essas cidades estão ligadas pela Ponte da Amizade, entre Ciudad del Este e Foz do Iguaçu e pela Ponte Tancredo Neves (que é popularmente chamada de Ponte da Fraternidade), que liga Foz do Iguaçu e Puerto Iguazú. Os pequenos barcos e botes que

atravessam o rio também são pontos de ligação entre os três países. Eles servem para atravessar pessoas e mercadorias de um lado a outro.

2.1- Construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu

Quando é assinado o Tratado de Itaipu, a Tríplice Fronteira começa a passar por grandes transformações, geográficas, políticas, econômicas e sociais. As cidades a sua volta passam por transformações e a urbanização do território é reconfigurada pela mesma. Foz do Iguaçu foi a escolhida para ser o canteiro dessa grande obra. Com o local escolhido começam a chegar centenas de trabalhadores vindos das mais variadas regiões brasileiras. A instalação da Usina Hidrelétrica de Itaipu, foi de extrema importância no desenvolvimento de Ciudad Presidente Stroessner (atual Ciudad del Este) e Foz do Iguaçu.

Foto 1: Segunda etapa da construção da Ponte da Amizade



Fonte: Medina, 2004.

Souza (2012), explica que no ano 1956, Juscelino Kubitschek e Alfredo Stroessner, respectivamente do Brasil e Paraguai, estiveram presentes na fronteira para a

construção da Ponte da Amizade (foto 2) entre Foz do Iguaçu e a futura Ciudad del Este, que foi fundada um ano mais tarde. A ponte demorou cinco anos para ficar pronta, mas só foi inaugurada em 1965, com o presidente brasileiro Castelo Branco e Alfredo Strossner.

Souza (2012) conta que, em 1974 começaram a obras de infraestrutura no Brasil e Paraguai para a construção da Usina Hidrelétrica de Itaipu. A partir desse ano, começou a abertura de vários comércios que vendiam diversos produtos entre eles alimentos.

Foto 2: Central Hidrelétrica de Itaipu em construção.



Fonte: Medina, 2004

A foto 2, retrata o início da construção da Central Hidrelétrica de Itaipu. A construção aumentou o número de moradores na região, impulsionando sobretudo o setor da construção civil, devido ao grande número de trabalhadores do setor. Além dos trabalhadores, as famílias também começaram a migrar na região fronteira, aumentando ainda mais o contingente populacional.

A obra do milênio e séculos passados, uma das maravilhas do mundo moderno. Até agora a maior usina hidroelétrica do mundo. Itaipu, que na língua guarani quer dizer “a pedra que canta”. Maravilha da engenharia nacional, causou fortes impactos em toda a região do extremo-oeste do Paraná, principalmente em Foz do Iguaçu, em virtude de o canteiro de obras da usina estar instalado neste município (LIMA, 2010, p.193).

Compreendemos que a partir da construção de Itaipu, a população de Foz do Iguaçu e Ciudad del Este tem aumento significativo, impulsionando a abertura de novos comércios e o oferecimento de novos serviços.

Com a implementação da Usina, o crescimento populacional, nos anos de 1970 a 1980 aconteceu dos dois lados da fronteira entre Brasil e Paraguai.

No caso de Foz do Iguaçu, na década de 1970 a cidade contou com o maior dinamismo populacional, com sua população crescendo a uma taxa anual de 13,9%, contra 8,9% de Ciudad Del Este e 13,1% de Puerto Iguazú. A população da tríplice fronteira como um todo teve aumento médio de 12,5% ao ano [...] (LIMA, 2010, p. 37).

2.2 – Início das Vilas construídas por Itaipu e início dos *almacenes*

A Itaipu foi a responsável pela construção de conjuntos habitacionais em Foz do Iguaçu e em Ciudad del Este. No lado brasileiro foram construídos 3 conjuntos habitacionais, denominando de Vila A, Vila B e Vila C. Cada conjunto abrigava os funcionários que trabalhavam na construção da hidrelétrica. No lado paraguaio a divisão foi feita em área, indo da Área 1 até a Área 8.

Em Foz do Iguaçu, os conjuntos habitacionais tinham os perfis de moradores decididos. Os barrageiros, moravam na Vila C. O bairro foi construído com o intuito de ser desconstruído pós-construção de Itaipu, no entanto, os trabalhadores e suas famílias acabaram por se estabelecer ali naquela região, fizeram com que a vila permanecesse até os dias atuais. Por ser um projeto elaborado para pouco tempo, as casas apresentaram problemas alguns anos depois, como problema com água e esgoto, já que essas coisas não foram planejadas durante a construção do bairro.

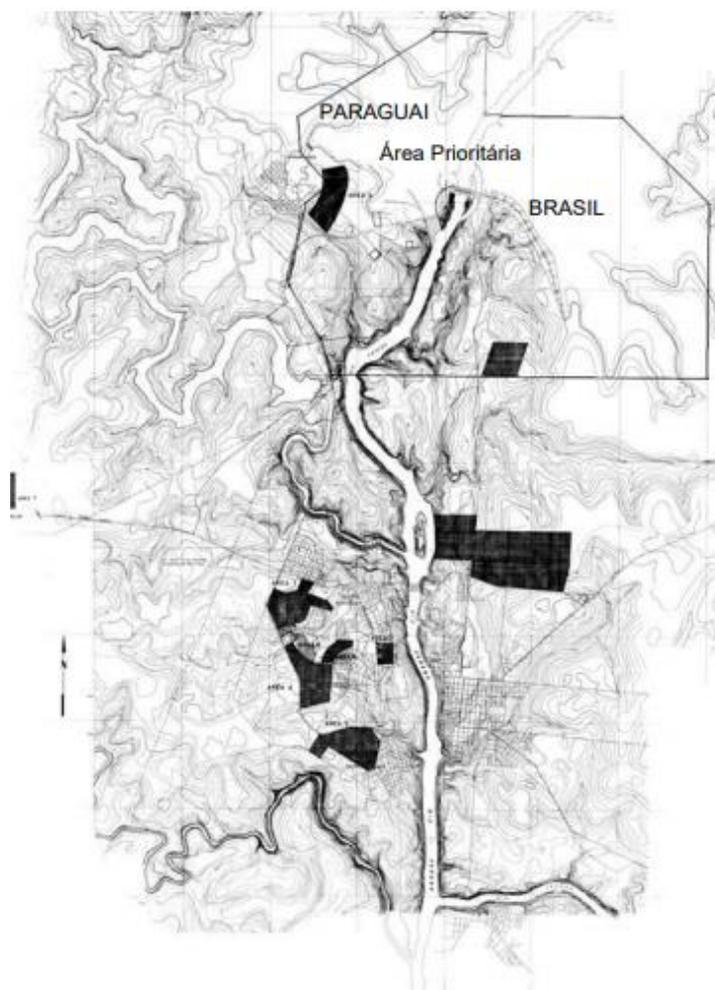
A finalidade desses conjuntos habitacionais, era abrigar os trabalhadores de vários setores, responsáveis pela construção da barragem. Os funcionários foram divididos em três categorias: administradores e engenheiros, profissionais técnicos e por último os operários e prestadores de serviços como motoristas, cozinheiros, pintores, encanadores, etc. (SOUZA, 2012, p. 129).

Em Ciudad del Este, que no momento da implantação se chamava Porto Stroessner, cada área era para abrigar determinados grupos que trabalharam na Usina. A Área 1 foi construída para os engenheiros e funcionários do Centro Administrativo de Itaipu. As Áreas 2, 3, 4 e 5 foram destinadas aos profissionais de nível técnico. A área 6

diferente das anteriores foi construída em Hernandarias e destinada aos operários de mão de obra pesada. A Área 7 foi implantada em Minga Guazú e destinada aos profissionais de nível técnico. E, por fim a Área 8 foi implantada em Ciudad del Este destinada aos profissionais de nível técnico e superior.

Quando caminhamos pela Área 4 e suas proximidades, observamos a predominância de uma população mais pobre. As ruas não tinham asfaltado. Alguns lugares com esgoto a céu aberto. Estrutura precária em questão de saneamento em determinados pontos do bairro. O entorno do bairro, não foi construído por Itaipu, são ocupações mais recentes de pessoas que migraram de outras cidades do Paraguai em busca de melhores condições de vida.

Imagem 1: Mapa com a localização dos conjuntos habitacionais em Foz do Iguazu e Ciudad del Este.



Fonte: Itaipu Binacional

Fonte: Souza, 2012.

No lado paraguaio, após várias idas, desde o ano de 2016, observamos alguns pequenos comércios que ficam localizados em áreas mais distantes do microcentro. Ao caminhar pelos bairros, sentimos a curiosidade de entender melhor como funcionam aqueles pequenos comércios. A partir da curiosidade, os *almacenes* e relações de sociabilidade que são estabelecidas entre os donos desses pequenos comércios e os moradores do bairro. Conversamos com algumas pessoas e observamos o funcionamento de alguns desses estabelecimentos. Descobrimos que a maioria deles tem apenas trabalhadores da família. Sobre a definição de *almacenes*, Garcia (2016) diz que:

[...] se caracterizam como pequenos estabelecimentos que vendem uma variedade de produtos como alimentos, produtos de higiene e limpeza e até roupas. Muitos *almacenes* abrem todos os dias, até mesmo aos domingos. Esses estabelecimentos são extensões das casas das famílias, separadas apenas por uma porta, que geralmente dá acesso a um cômodo da casa, sendo a sala ou a cozinha, de onde também é possível que os donos, mesmo dentro de sua casa, possam visualizar o que acontece na mercearia. A maioria desses *almacenes* é administrada por mulheres (GARCIA, 2016, p. 12).

Os *almacenes* que discutimos aqui, são apenas os que estão localizados no bairro Área 4 em Ciudad del Este, no entanto, é preciso ressaltar que esse tipo de comércio é comum em cidades paraguaias. Muitos moradores afirmam que os *almacenes* são a única fonte de renda de muitas famílias que residem ali no bairro.

Os *almacenes* desempenham papel muito importante nas relações sociais do bairro, além de possuírem função comercial, são locais onde as relações de vizinhança se estabelecem. Não raro, é possível observar que os consumidores que ali compram, conhecem as donas. Os contatos estabelecidos entre as donas e os consumidores, acabam gerando amizades, uma vez que diferente de grandes mercados, ali são construídas relações de convívio e solidariedade.

Alguns desses *almacenes* possuem grades, para que outras pessoas não consigam adentrar. As donas e donos relatam que isso se deve ao fato de que antigamente, principalmente na época da construção de Itaipu, ocorriam vários furtos e episódios de violência e por isso as grades foram instaladas. A finalidade é a proteção dos que ali estão trabalhando.

Sobre a diferença dos *almacenes* com as mercearias encontradas no Brasil e venda de produtos nos *almacenes*, Garcia (2012) diz que:

Os *almacenes* tem grandes diferenças, sendo o fato de ser uma extensão da casa e em sua maioria terem donas mulheres, outra diferença e peculiaridade é que nos *almacenes* não são vendidas bebidas alcólicas, o que de fato acontece em mercearias brasileiras. As grades instaladas na frente do *almacén* e o fato de as pessoas não poderem adentrar ao comércio é outra diferença. O cliente também não tem acesso direto aos produtos que deseja comprar, é preciso que peça para o comerciante trazer os produtos dos quais necessita (GARCIA, 2016, p. 26).

Sobre a afirmação acima, acrescentamos que nos *almacenes* visitados nos anos seguintes, foi comum encontrar a venda de bebidas alcólicas e a disponibilidade de máquinas de jogo.

Os produtos revendidos nesses pequenos comércios familiares, podem ter origem brasileira, argentina ou paraguaia, uma vez que, as donas se utilizam da Tríplice Fronteira como estratégia em busca de melhores produtos a preços mais baratos, visando obter lucros maiores na revenda. Cada uma delas tem suas estratégias de venda.

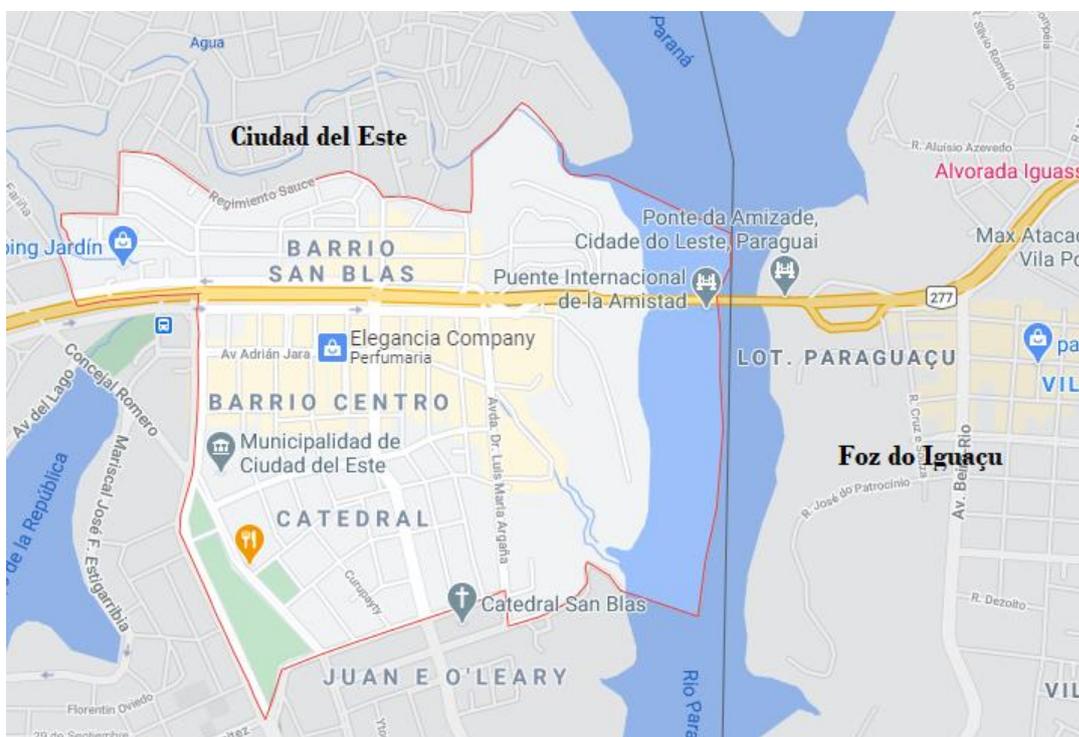
Durante a pesquisa, tivemos o relato de algumas proprietárias que reclamam da vinda de uma rede de supermercados em Presidente Franco, que estaria prejudicando as vendas dos pequenos comércios locais. A oferta de produtos diferenciados, o ambiente climatizado, o acesso direto aos produtos, são fatores que influenciam nessa perda de clientes relatada. Ir ao mercado Super 6, gera status, é como se no Brasil fosse um shopping. É comum que as pessoas falem sobre o status quando estão no mercado. Analisando os impactos da chegada de grandes estabelecimentos na economia local de pequena escala, Telles (2010) pontua que:

A chegada dos grandes equipamentos de consumo desestabiliza ou pode desestabilizar as circunstâncias da economia local: o pobre proprietário do tradicional bar, bazar ou negócio montado na garagem de sua casa, que vê sua clientela encolher – é sempre possível encontrar produtos mais baratos nos grandes supermercados, também mais diversificados, além dos “signos de distinção” que acompanham os cartões de crédito que esses estabelecimentos tratam de popularizar. (TELLES, 2010, p. 89)

As redes de lojas, por comprarem em grandes quantidades, conseguem oferecer preços melhores e produtos mais atrativos para o consumidor. Isso têm gerado o fechamento de vários *almacenes* na Área 4, e decorrente disso, a mudança de cidade das famílias que dependiam exclusivamente desse tipo de comércio.

2.3 – Microcentro de Ciudad del Este

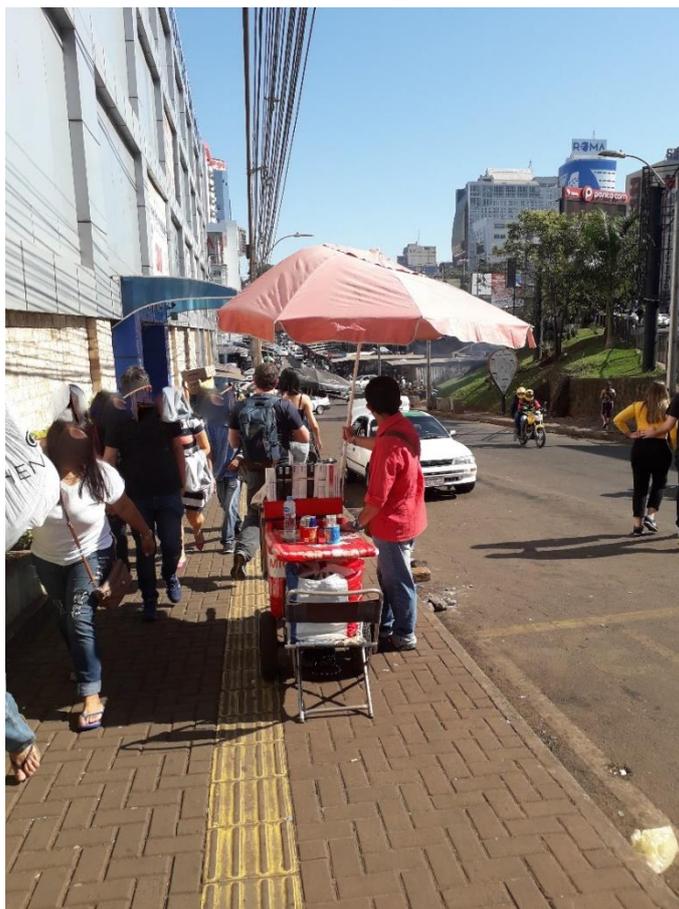
Mapa 1: Microcentro de Ciudad del Este



Fonte: Imagem Google Maps (Elaboração nossa).

O Microcentro de Ciudad del Este, possui uma infinidade de lojas e abriga a coexistência de uma infinidade de formas de organizações que se multiplicam e se sobrepõem. A rua é um grande comércio, que é marcado pela informalidade e variedade de produtos e serviços, onde até mesmo as informações podem se tornar negócios. Algumas barraquinhas oferecem tomadas para carregar os celulares dos mais distraídos que atravessaram a fronteira com a bateria quase acabando e cobram um preço simbólico por isso. O Microcentro é composto de lojas, galerias, vendedores ambulantes de diferentes tipos de produtos, é possível encontrar uma infinidade de produtos um tanto quanto curiosos, como é o caso das camisinhas musicais, maquininhas de choque entre outros. Encontramos espaços de alimentação que vão desde barraquinhas fixas usadas apenas para isso, até mesmo carrinhos que circulam por aquelas ruas em busca de pessoas que queiram consumir os alimentos e bebidas que ali estão disponíveis.

Foto 3: Vendedor ambulante



Fonte: Trabalho de campo, 2019.

Nessa foto podemos perceber que o vendedor está com seu carrinho, uma guarda-sol e uma cadeira, a espera de vender seus produtos. O carrinho dele está num ponto estratégico de grande circulação de pessoas. Ele está próximo ao Shopping del Este, de uma galeria comercial e da Aduana. Nesse ponto o número de pessoas que circulam é muito alto. Ali, é possível conseguir vender seus produtos em grande quantidade, uma vez que a maioria dos vendedores que se encontram próximos dali, vendem outros produtos que não são alimentícios.

Quando as pessoas caminham pelas ruas do Microcentro, tem-se a impressão que as atividades comerciais são desorganizadas e que essa pequena região é muito confusa. No entanto, entre as pessoas que ali trabalham, é possível observar que existe uma maneira de organização, só que diferente do que estamos acostumados. Todos sabem os espaços que podem ocupar.

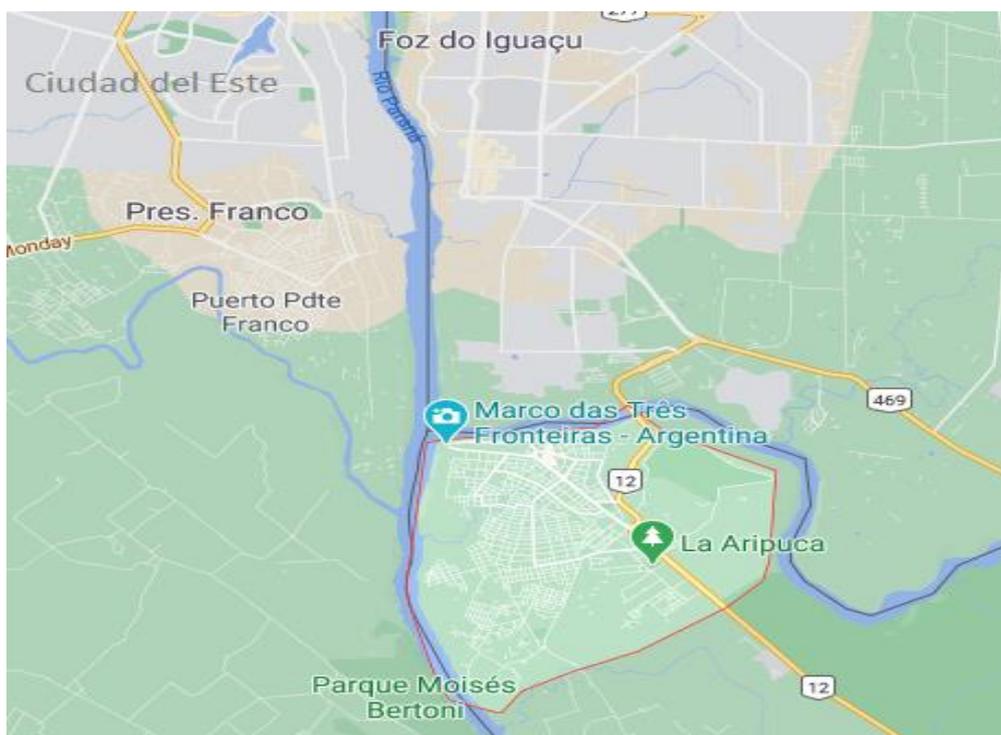
Durante a construção da Itaipu, as ruas foram se transformando em espaços de possibilidades para as pessoas que não conseguiam se empregar na obra e ao final da construção foi o espaço de emprego dos que foram demitidos e não conseguiram outro

emprego. A partir daí, houve uma ampliação na oferta de produtos e foram sendo desenvolvidas algumas estruturas para que o comércio de compra e venda fosse organizado e as vendas pudessem ser realizadas. Foi possível observar várias pessoas que estão fora do mercado formal de trabalho e que são criminalizadas por estarem em tal situação.

2.4 – Feira Central de Puerto Iguazú

Puerto Iguazú é uma pequena cidade na província de Misiones. Sua principal atividade é voltada ao turismo nas Cataratas. É possível encontrar outras atividades que atraem turistas como o Marco das Três Fronteiras e a feira artesanal que está dentro dele. A cidade com um centro comercial perto da Ponte Tancredo Neves e com o *Duty Free Shop*. A cidade conta também com um aeroporto.

Mapa 2: Localização de Puerto Iguazú na Tríplice Fronteira



Fonte: Imagem Google Maps (Elaboração nossa).

Um dos atrativos muito visitados pelos turistas é a Feira Central. Lá é possível encontrar diversos produtos argentinos, desde queijos e vinhos, até azeitonas temperadas e alfajores. A Feira conta também com espaço para alimentação onde grupos de pessoas

podem ser reunir. Mesmo com a população bem menor que as outras duas cidades fronteiriças, a cidade de Puerto Iguazú também foi afetada com a construção da Itaipu, ainda que não tenha feito parte do acordo binacional. A população mais que triplicou no período de 10 anos entre 1970 e 1980, passando de 3.001 habitantes para 10.250 e em 2001 contava com 31.515 mil habitantes de acordo com o Instituto Nacional de Estadísticas y Censos da Argentina (IPARDES, 2008).

CAPÍTULO 3

PRIMEIRAS ORIENTAÇÕES NA TERRA DAS CATARATAS E TRAJETOS PELA TRÍPLICE FRONTEIRA

(Des)orientada³ pelo professor Jones, e (des)orientada pela vida e por sua vontade de (re)conhecer o bairro já conhecido em outros trabalhos de campo durante a graduação.

Um trabalho de campo *nunca* começa no campo. É preciso que haja planejamento antes. E assim o fiz. Antes mesmo de pensar no campo, eu já estava fazendo o projeto para o processo seletivo que aconteceu no de 2017 na UFGD em Dourados. Ao pensar o projeto que seria apresentado, levei em consideração as minhas vivências e experiências na tríplice fronteira composta por Foz do Iguaçu, Ciudad del Este e Puerto Iguazú. Em meu trabalho de conclusão de curso trabalhei sobre relações de sociabilidade estabelecida entre donas e donos de *almacenes* e seus clientes que são moradores do mesmo bairro. A área escolhida, foi a área 4, porque ali, já tinha uma noção de que tais relações eram estabelecidas entre os moradores e clientes. Para o projeto, resolvi trabalhar apenas com as mulheres que são donas desses pequenos comércios, geralmente familiares e com suas estratégias de sobrevivência na tríplice fronteira. Planejei meu trabalho de campo e os lugares por onde andei. Em uma tarde do mês de março, recebi um e-mail do Prof. Jones, dizendo que faríamos o primeiro trabalho de campo. O dia escolhido para a viagem foi 29 de março de 2018. A viagem também foi para que outros alunos fizessem suas pesquisas de campo e para que outro conhecesse as Cataratas. Seguimos para Foz do Iguaçu, era uma manhã de quinta-feira de muito sol e calor.

Durante a viagem, nos conhecemos melhor. Foram muitas horas de viagem e nenhuma música se repetiu (risos). A longa viagem, foi dando espaço às descontraídas conversas sobre as vivências e experiências de todos até ali. Outro assunto, foram as pesquisas de cada um e suas expectativas diante delas.

³ (Des)orientada porque o ‘orientar’ é também um desorientar, já que durante a conversa o professor, coloca em nossas mentes muitas dúvidas e questionamentos. É como um levar de pensamentos e ideais à frente, ter minhas próprias ideias e definições, mostrar a minha individualidade.

Quando chegamos em Foz do Iguaçu, fomos à casa do meu irmão e minha cunhada. Ficamos hospedados lá durante aqueles dias. Depois, já pela noite, fomos à casa do professor André que foi nosso professor na Unila para discutirmos sua participação na banca do Felipe e minha. Como de costume, o André e sua esposa nos receberam muito bem. A noite foi agradável, o professor André e o professor Jones se conheceram ali naquela noite. Depois de uma noite agradável com conversas, risadas e discussões sobre universidades e como não poderia de ser, também sobre política, seguimos para a casa do meu irmão, porque no outro dia iríamos à Ciudad del Este para mais uma etapa do trabalho de campo. Na sexta-feira, 30 de março, considerado sexta-feira santa no Brasil e também no Paraguai que é um país majoritariamente católico, os comércios estavam fechados, as ruas vazias, as *mesitas* não estavam cheias de mercadorias expostas para venda. O Microcentro estava quase vazio de gentes, mercadorias expostas, veículos, estratégias, estórias, sabores. Durante os cinco anos, morando na tríplice fronteira, foi a primeira vez que vimos essa cena. É um tanto quanto curioso, é algo que nunca imaginaríamos se não estivéssemos ali. É uma Ciudad del Este inimaginada para quem circula por ali em busca de mercadorias e novidades. Caminhamos por algumas ruas da cidade e depois retornamos à Foz do Iguaçu. Tínhamos um trajeto combinado, desejamos ir às Cataratas, o Ariel não conhecia e estava super feliz que iria conhecer. Por ser feriado, então já imaginávamos que teria muita gente e muita fila. Seguimos em direção às Cataratas, a fila estava enorme.

Receber uma orientação maravilhosa na fila das Cataratas não tem explicação, sim, isso aconteceu. O primeiro trabalho de campo foi em Foz do Iguaçu e como não poderia deixar de ser, fomos todos às Cataratas, eu, Felipe, Ariel, Camila e o prof. Jones e ficamos quase três horas na fila de espera para ver as Cataratas. Era sexta-feira santa, e muita gente do mundo todo resolveu ir para lá. A espera foi longa, até que o professor começou a conversar com cada um e dar ideias sobre as nossas pesquisas. Eu, até então me sentia um pouco perdida, em relação a como começar a desenvolver tudo o que já estava feito no meu projeto. A partir dali, entendi por onde começar e assim seguir. A elaboração dessa dissertação começou com o projeto, mas o engatinhar dela, foi ali, nas Cataratas, lugar que tanto aprecio e que é cheio de boas energias, e talvez isso tenha ajudado a desenvolver tudo. Afinal foi uma mistura, de curiosidade, tensão, cansaço, de alegria ao olhar novamente para aquela paisagem, com tanta água, e de estar ali entre tantas pessoas, que tinham olhares felizes, era possível perceber a ansiedade de algumas pessoas para ver aquele espetáculo. Ter uma orientação na fila das Cataratas, acredito que

não seja algo tão comum assim, no entanto foi maravilhoso e também um 'divisor de águas' (risos), espero que um dia, eu também possa dar orientações em lugares nada comuns para isso.

3.1 Da cidade das Cataratas à cidade das compras

Percorremos alguns caminhos de Foz do Iguaçu, conhecida com a terra das Cataratas, até Ciudad del Este, conhecida como a cidade das compras.

O campo iniciou-se em frente ao Terminal de Transporte Urbano de Foz do Iguaçu com trajeto até Ciudad del Este. Pegamos o ônibus internacional em Foz do Iguaçu que atravessou a fronteira e nos levou até Ciudad del Este. O ônibus é de uma empresa brasileira e a passagem custava R\$ 5,00. No ponto de ônibus, observamos pessoas paraguaias que fizeram algumas compras em um mercado do centro de Foz do Iguaçu que estavam voltando para suas casas em Ciudad del Este, vimos turistas e também trabalhadores que estavam em direção ao Microcentro de Ciudad del Este. Olhamos para o outro lado da avenida JK e vimos um vendedor de chipas e uma mulher indígena com sua criança pedindo dinheiro no sinal.

Foto 4: Vendedor ambulante de chipa e mulher indígena com sua criança



Fonte: Trabalho de campo, 2018.

Entramos no ônibus e continuamos o nosso campo. Notamos que algumas pessoas que já estavam ali antes mesmo do ônibus passar por nós. Tinha mulheres com crianças, idosos, jovens e adultos, os passageiros são bem diferenciados. Sentamos em nossos lugares, o ônibus estava com poucos passageiros. Sentei-me e comecei a olhar o movimento pelas ruas, estava distraída vendo o cotidiano acontecer nas ruas, senti uma mão em meu ombro, era de uma mulher que viu um bichinho desses que queimam a pele da gente, no meu banco, ela falou em espanhol comigo e tirou o bicho de perto de mim. Sua criança sorriu e fez um sinal de que ele quem viu o bicho e avisou sua mãe. Agradei os dois me virei e continuei a olhar a vida acontecendo pelas ruas de Foz do Iguaçu.

Observei rapidamente que haviam muitos vendedores ambulantes nos semáforos, a maioria era homens que estavam vendendo morangos e goiaba. Cada vez que o sinal fechava, eles andavam entre os carros na tentativa de vender seus produtos. Algumas vezes conseguiam vender e em outras não. O sinal abriu e o ônibus seguiu o seu caminho, continuei olhando para a rua e vi que agora, diferente de quando morava em Foz do Iguaçu, os vendedores ambulantes não estavam mais tão concentrados na região central da cidade, eles ficam mais próximos a Vila Portes, tentei entender o que acontecia e depois descobri que eles foram impedidos de vender suas mercadorias próximos ao terminal.

O ônibus saiu da Avenida JK e entrou na BR 277 rumo a Receita Federal, Ponte da Amizade e Aduana Paraguaia. O movimento estava grande, muitos carros indo em direção ao Paraguai. Todos precisavam passar pela Receita Federal e Aduana Paraguaia, para seguirem os seus destinos. São pessoas que estavam trabalhando nos comércios paraguaios, pessoas dispostas a comprar produtos mais baratos para revender em suas cidades em busca de lucros para sobreviver, turistas que queriam conhecer Ciudad del Este e que acreditavam que a cidade se resume ao Microcentro, local onde se concentra o comércio de venda para turistas, no entanto, Ciudad del Este, vai muito além.

Foto 5: Entrada da Receita Federal, sentido Foz do Iguaçu/Ciudad del Este



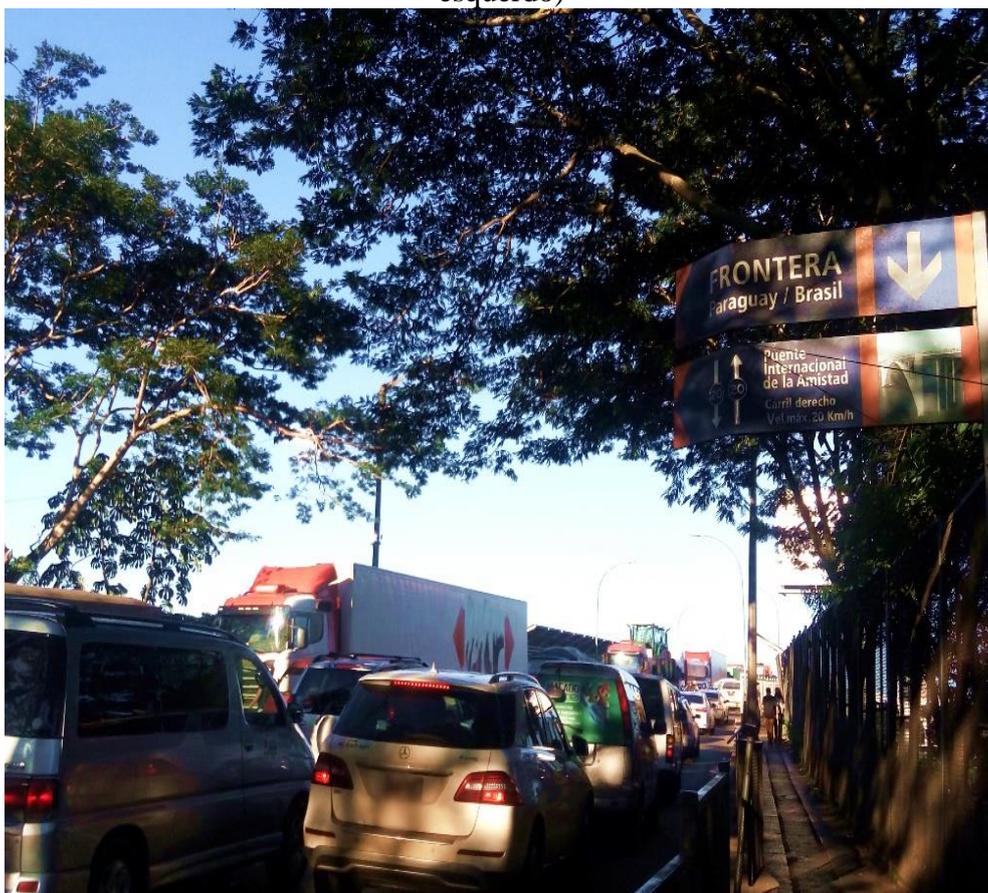
Fonte: Trabalho de campo, 2018.

O centro da cidade fica bem mais adiante da ponte, ele está mais próximo ao Km 4, local onde se concentra grande comércio de maquinários. Quando atravessamos a ponte da Amizade podemos ver os diferentes shoppings e *outdoors* com propagandas de diferentes tipos de produtos, desde eletrônicos até perfumes importados.

A ponte tem alguns espaços onde vendedores ambulantes vendem seus produtos, que geralmente são chipa, água, refrigerantes, batata e alguns vendem erva para tereré.

Esses mesmos espaços são usados também como banheiro, tanto para os vendedores e vendedoras, quanto para outros trabalhadores e turistas que passam por ali.

Foto 6: Ponte da Amizade - movimento de veículos em direção à Ciudad del Este (lado esquerdo)



Fonte: Trabalho de campo, 2019.

Dona Alice, 53 anos, vendedora de alguns produtos alimentícios na Ponte, nos diz que *“La policía ya no permite que vendamos nuestros productos acá, eso es muy malo, porque acá tiene un movimiento muy grande de personas”*.

O relato de dona Alice é cheio de preocupações porque ela e tantas outras pessoas dependem dessas vendas para garantir o sustento da família.

Na imagem abaixo, vemos um carrinho com diferentes produtos que estão sendo vendidos por uma vendedora ambulante na Ponte da Amizade, no entanto, em uma última ida ao trabalho de campo percebemos que o número de vendedores ambulantes que vendiam seus produtos na Ponte da Amizade diminuiu significativamente.

Foto 7: Carrinho com produtos de vendedora ambulante na Ponte da Amizade



Fonte: Trabalho de campo, 2019.

Quando chegamos na Aduana paraguaia, olhamos para o lado e já vimos o Shopping del Este. Diferente da Aduana argentina, não foi preciso descer do ônibus e dar entrada no país, seguimos adiante dentro do ônibus. Através da janela do ônibus, vimos toda uma movimentação de pessoas, sendo elas, turistas e trabalhadores. Nesse momento descemos do ônibus e fizemos um percurso caminhando e percebendo aquela pequena parte da cidade.

Foto 8: Vendedores ambulantes em frente a Aduana Paraguaia



Fonte: Trabalho de campo, 2018.

3.2 – Cidade das compras, uma cidade quase igual todas as outras

Próximo ao Shopping del Este, é possível observar entregadores de panfletos, vendedoras de calcinha e cueca, vendedores de meia (geralmente meninos de diferentes idades), vendedores de água e refrigerante, batata de pote, muitos taxistas, várias rostos e idiomas, é possível ouvir diferentes misturas de idiomas, espanhol e guarani, português e espanhol, inglês, árabe, mandarim, entre tantos outros idiomas.

Foto 9: Shopping del Este e à sua frente vendedores ambulantes e moto taxistas



Fonte: Trabalho de campo, 2018.

As ruas de Ciudad del Este, viram um comércio onde podemos encontrar diversos produtos e serviços e até mesmo as informações podem se tornar alternativas para negócios rentáveis.

Na frente do Shopping del Este, que está do outro lado da Aduana paraguaia, encontramos vendedores ambulantes e moto taxistas. Essa imagem é comum todos os dias. As caixas com comidas e bebidas para serem vendidas ficam acomodadas na calçada e os vendedores ao lado. Por vezes eles sentam para descansar. Em alguns momentos eles usam o banheiro do shopping quando é extremamente necessário, mas não é algo comum.

O trânsito de pessoas nessa localidade facilita a venda de diferentes produtos alimentícios entre outros. Ficar próximo ao Shopping é de alguma maneira uma garantia de que irá vender os produtos. Na imagem acima não fica muito claro, mas os vendedores que estão sentados são homens mais velhos. É provável que tenham escolhido aquele lugar porque ali tem sombra e é possível trabalhar sentado na beirada da calçada.

Foto 10: Vendedor de água e batatas de pote próximo ao Shopping del Este



Fonte: Trabalho de campo, 2018.

Há muitos shoppings de alto padrão e casas de câmbios e os donos geralmente são de origem brasileira, chinesa, árabe, entre outras. *Fast-foods* como *Mc Donald's* e *Burger King*, se fazem presentes ali no Microcentro. Lojas luxuosas como S.A.X, Lacoste e Nike, além de lojas que fornecem produtos da *Apple*, *Acer* e *Sony*.

Andar pelas ruas de Ciudad del Este é experimentar diferentes sensações tanto físicas, quanto olfativas e visuais. O calor, que sentimos ao caminhar pelas ruas, entre as *mesitas* e a temperatura agradável monitoradas pelos aparelhos de ar condicionado dentro dos shoppings, lojas e galerias. Diversos cheiros se misturam pelas ruas, cheiro de comida, dos espetinhos feitos ali no meio da rua em locais improvisados, o cheiro do esgoto a céu aberto, dos escapamentos de motos, e carros, de suor, de perfumes que são borrifados pelos vendedores no meio da rua na intenção de atrair compradores.

Vendedores ambulantes e donos de *mesitas*, comem em banquinhos de madeira e sentado em alguma escada que encontram. Vemos também muitas crianças que trabalham engraxando sapatos pelas ruas de Ciudad del Este. Essas crianças e/ou

adolescentes trabalham pelas ruas do microcentro engraxando sapatos das pessoas que por ali trabalham e também dos turistas que se interessam. O trabalho dessas crianças é para ajudar no sustento de suas famílias que em muitos casos vivem em situações precárias e até mesmo sem dinheiro para os alimentos do dia-a-dia. Algumas dessas crianças atravessam a Ponte da Amizade em direção a Foz do Iguaçu para vender gominhas e balas pelas ruas da cidade e algumas vezes dentro dos ônibus.

Foto 11: Criança engraxando sapato pelo Microcentro de Ciudad del Este



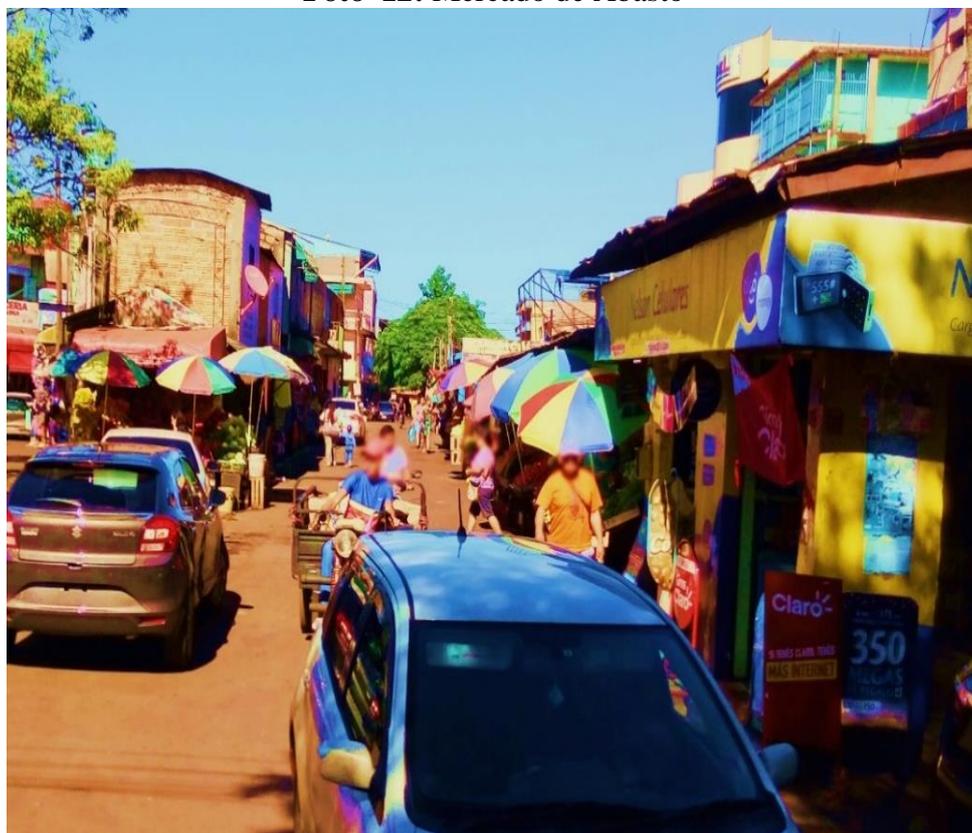
Fonte: Trabalho de campo, 2018.

A mistura de sons é bem acentuada pelas ruas do Microcentro de Ciudad del Este, é possível ouvir “ *Calcinha, amiga ?* ”, “ *Meia, amiga?*”, “ *Maquininha de choque?*”, “ *Barbeador?*”, “ *Água?*”, “ *Entra aqui nessa loja, acá tiene promoción!*”, “ *Que procura amiga?*”, entre tantas outras frases que misturam o português e o espanhol, o espanhol e o guarani, e também ouvimos outros idiomas como inglês, mandarim, árabe, que são

conversados por turistas e por donos de lojas de padrão mais elevado, onde se percebe claramente que os consumidores são pessoas com melhor poder aquisitivo.

Muitas vezes, quando falamos em Ciudad del Este, as pessoas associam a sujeira, bagunça, produtos falsos, drogas e esquecem que ali é também parte de um município com casas, escolas, famílias, e que muitas vezes o seu imaginário não permite que conheçam o outro lado da cidade. Andamos mais e entramos no ônibus que nos levou até a Área 4, local da minha pesquisa. No ônibus, vimos elementos paraguaios, como um crochê perto da janela com as cores da bandeira paraguaia. O piso do ônibus tinha alguns buracos e estava sujo. Os bancos estavam sem as almofadinhas, alguns estavam com algumas partes quebradas. As condições do ônibus eram precárias. O pagamento da passagem foi feito em guarani (moeda paraguaia), mas podia ser feito em real. Pagamos, passamos a catraca e nos sentamos. Voltei à frente do ônibus e pedi que me avise quando chegássemos a Área 4, não queria confundir e descer no lugar errado. O caminho até lá é bem diferente do que vimos no Microcentro. Passamos por praças, biblioteca, campo de vôlei/futebol, gramados, escolas, uma delas é o CRECE (onde participei de projetos de extensão enquanto era estudante da UNILA em Foz do Iguaçu), *Gobernación* e muita gente com seus afazeres cotidianos.

Foto 12: Mercado de Abasto



Fonte: Trabalho de campo, 2018

Do ônibus, vimos o mercado de Abasto, que é um local onde se vende produtos hortifrúti e é frequentado também pelas donas de *almacenes* em busca de alguns produtos que possam ser vendidos em seus pequenos comércios. Há uma variedade imensa de produtos, que vão desde grãos, frutas, verduras, até erva para tereré que é muito usada pelo povo paraguaio.

Foto 13: Placa com a marca de Itaipu para identificar o Mercado de Abasto



Fonte: Trabalho de campo, 2018.

No mercado de abasto existem várias barraquinhas que acomodam diferentes produtos. Ali é muito comum vermos calçados como botas masculinas e sandálias penduradas em arames que facilitam a visão de quem está passando por ali.

Os guarda-sóis fazem as vezes de cobertura e servem para apaziguar o calor e para proteger os produtos do forte sol que estava fazendo. Produtos como verduras e legumes também necessitam de sombra para se manterem bons para consumo por mais tempo. A rua estava colorida tanto pelos guarda-sóis quanto pelas cores de frutas, verduras e legumes que ali estavam expostos além das cores das árvores que embelezavam e forneciam um pouco de sombra para quem por ali passava.

Pelas ruas, observamos o movimento, a vida na cidade. Encontro diversos vendedores que fixam seus pontos de venda nas avenidas da cidade. Vendem produtos alimentícios que ficam expostos em pequenas mesinhas improvisadas e em caixas de isopor.

Foto 14: Ponto de venda de cadeiras e produtos alimentícios em Ciudad del Este



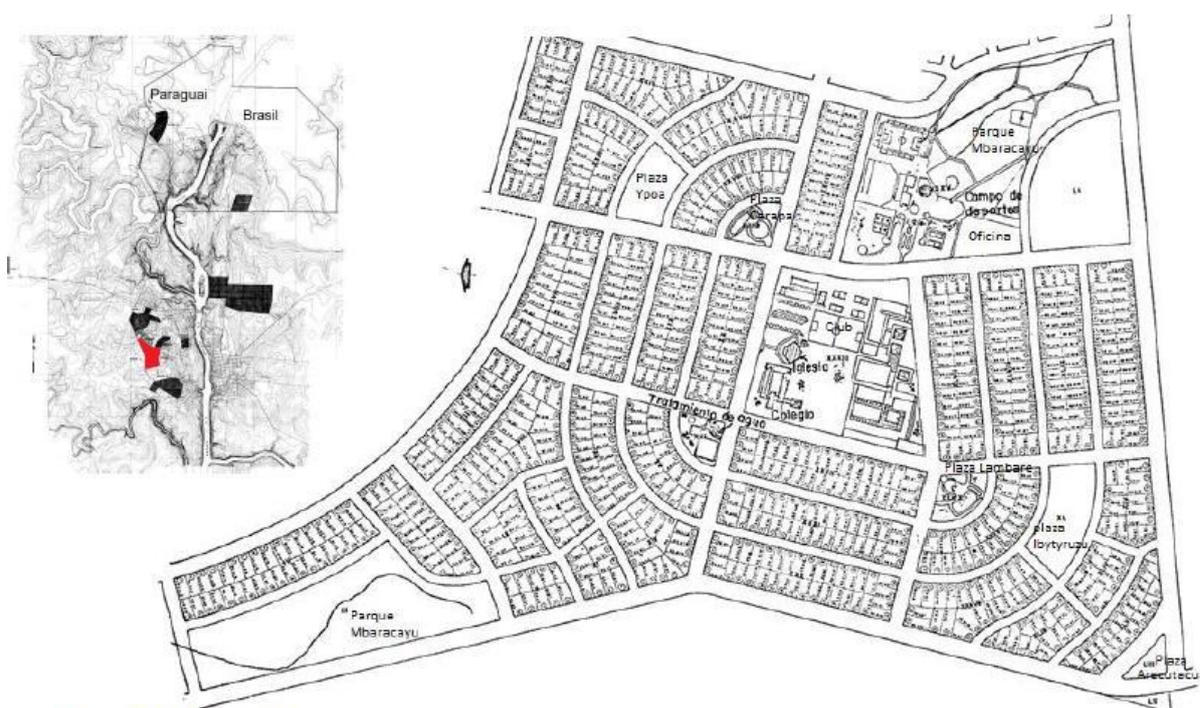
Fonte: Trabalho de campo, 2018.

Na imagem acima, um vendedor deixa seus produtos expostos para que as pessoas que passam pela avenida consigam vê-los. Tem banquinhos de madeira sem pintura e cadeiras coloridas e também algumas mesinhas de canto. O pequeno comércio na beirada do canteiro da avenida é frequentado por pessoas do bairro e por outras que estão de passagem.

Os *almacenes*, assim como os demais pequenos comércios locais, levando em conta o cenário do mundo globalizado, estão ameaçados e sendo conduzidos a uma adaptação em relação ao comércio cada vez mais competitivo que não leva em conta aspectos particulares de cada lugar e de suas práticas socioespaciais já existentes. A

sociabilidade entre os moradores dos bairros que consomem nos *almacenes* e já estabeleceram relações sociais, fica ameaçada, uma vez que as grandes redes de mercado se instalam próximas ou nos próprios bairros.

Imagem 2: Implantação do conjunto habitacional “Área 4” e detalhe da sua localização na zona de fronteira



Fonte: Itaipu Binacional

Fonte: SOUZA, 2012.

Na imagem acima, vemos o mapa de implantação do conjunto habitacional da Área 4 em Ciudad del Este, esse mapa foi feito por Itaipu, juntamente com os demais mapas que mostram as divisões dos bairros.

No mapa abaixo vemos a localização do bairro Área 4 na tríplice fronteira. É possível observar que o bairro está distante do Microcentro de Ciudad del Este, estando longe da Ponte da Amizade, e por isso quando as donas de *almacenes* necessitam atravessar a fronteira em busca de produtos para revender, alugam vans, para que o transporte delas e das mercadorias sejam mais práticos e rápidos. Algumas usam carro próprio. O mesmo trajeto, se feito de ônibus demoraria o dobro ou triplo do tempo gasto em outro tipo de veículo.

No primeiro *almacen*, sou recebida com muita desconfiança, Dona Julia, a senhora que nos recebe se mostra desconfortável com nossa presença e mais ainda quando explicamos que somos da universidade e estamos fazendo um trabalho sobre os *almacenes* e suas donas. Ela conta que está trabalhando com o *almacen* há seis meses. Mora com seu esposo e com uma filha que é doente. O esposo trabalha no Brasil, e o dinheiro ganho com o pequeno comércio é suficiente apenas para a alimentação da família. A quantidade de dinheiro que entra depende do movimento, nunca é possível ter uma renda fixa já que as vendas variam muito durante os meses. Atravessa a fronteira somente para buscar novas mercadorias para reabastecer o *almacen*. Veio de Asunción há 30 anos em busca de trabalho em Ciudad del Este. Começou trabalhando como empregada doméstica, mas pelo fato dos horários não serem flexíveis, ela precisou largar desse emprego porque sua filha necessita de cuidados especiais. Trabalhou como vendedora ambulante no Microcentro, mas ainda ficava muito distante de sua casa, mesmo que pudesse ter horários flexíveis, ainda não era o mais adequado. Então, com suas economias, optou por abrir um *almacén*, já que assim, trabalhando no mesmo ambiente da casa, seria possível cuidar da filha, da casa e ainda ganhar dinheiro.

Foto 15: Produtos expostos à venda no *almacén*



Fonte: Trabalho de campo, 2018.

Ela respondeu algumas questões com a voz quase sumindo e logo começa a mexer em seu celular, liga para alguém e não fala mais conosco. Não nos resta outra alternativa a não ser buscar a próximo *almacén* numa tentativa de conseguir estabelecer um diálogo um pouco mais sólido. Enquanto chegamos ao próximo *almacén* que fica do outro lado da rua, percebemos que ela estava na varanda de sua casa nos observando

No segundo *almacén* percebemos a presença de uma máquina de jogos. Tiramos uma foto, é preciso registrar essa peculiaridade. Batemos palma para ver se alguém viria nos atender. Não havia ninguém ali. Esperamos, passaram alguns minutos e veio uma mulher, Cláudia, dona do estabelecimento. Nos cumprimentou e já disse “*?Estaba lavando ropas, que necesitan?*”. Explicamos para ela que estávamos fazendo uma pesquisa sobre os *almacenes* e ela se prontificou a nos atender, no entanto deixou claro que a qualquer momento poderia parar de conversar porque estava fazendo algumas atividades domésticas e porque podia chegar o fornecedor que entregaria alguns produtos para ela.

Na placa de identificação do *almacén*, algo me chama a atenção: *ANEXO VENTA DE BEBIDAS* e logo abaixo *DELIVERY* com dois números de telefone para contato. Ficamos impressionados, é o primeiro *almacén* que vemos com esse tipo de serviço. Observamos que havia diversos produtos para venda, entre eles, refrigerantes, balas, brinquedos, iogurte, mortadela e cerveja. Perguntamos porque ela começou a trabalhar com *almacén* e ela nos diz que foi para poder ficar com seus filhos de 4 e 11 anos, porque só assim, poderia participar mais da infância das crianças e também conciliar os trabalhos domésticos com o outro trabalho. Seu esposo trabalha em Ciudad del Este mesmo, mas não nos disse com o que. Já trabalhou uma época como vendedora em loja de roupas.

Sobre os produtos ela contou que comprava no Brasil e no Paraguai. Algumas coisas como doces são mais baratos em Brasil e por isso valia a pena atravessar a ponte em busca desses produtos. Sobre as grades que protegem a entrada do *almacén* ela nos contou que eram necessárias porque não existe segurança e os ladrões entravam em qualquer casa. Morava no interior do Paraguai e veio a Ciudad del Este em busca de trabalho, lhe disseram que ali havia mais trabalho na fronteira.

O *almacén* funcionava das 7h da manhã ao meio dia, horário em que ela parava para levar os filhos à escola. Reabria as 13h30 e fica até as 21h, ou 22h quando é verão, já que o dia escurece mais tarde. Sobre os horários, ela disse que o maior movimento é concentrado entre 10h e 11h da manhã e 16h e 19h da noite. É interessante pensar que é justamente o horário mais próximo de almoço e janta. Muitas vezes, as clientes que estão

ali nesse horário são as mulheres que foram buscar algo para fazer almoço ou pedem para seus filhos irem buscar algo que está faltando. Os *almacenes* estão diretamente ligados no trabalho reprodutivo das mulheres. Sobre as mercadorias ela nos diz que se desloca de carro até Foz do Iguaçu para comprar.

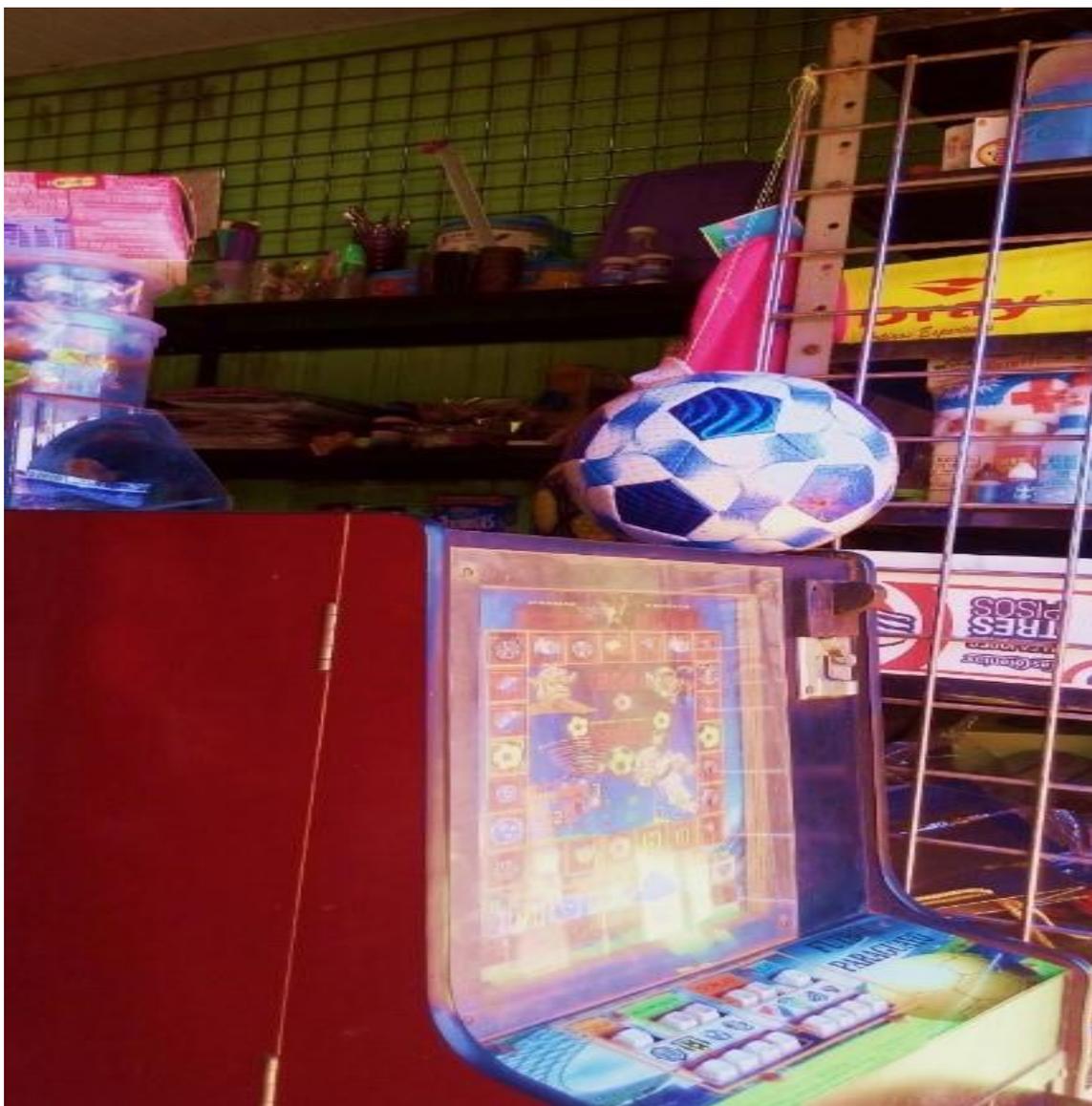
Cláudia que me contou que nunca foi às Cataratas e que tem muita vontade, no entanto, sua condição financeira não permite. Ela quer visitar junto com seus filhos. De sorriso tímido, olhos brilhantes e conversadeira, nos conta um pouco de sua rotina. *“Mi sueño es ir a visitar con mi familia, pero por ahora no puedo. No tengo dinero para eso. Cuesta mucho para toda la familia ”.*

O preço do ingresso para adulto do Mercosul é R\$ 57,00 e para crianças de 2 a 11 anos é de R\$ 11,00. Se formos considerar que as donas de *almacenes* conseguem garantir apenas itens básicos de alimentação e roupas e/ou remédios, vemos que o passeio às Cataratas teria grande impacto na sua renda se tornando inviável. A fala de Cláudia nos mostrou que morar quase ali nas Cataratas não é algo que faz com que o acesso seja fácil. Na nossa conversa, Cláudia estava pensando apenas no valor dos ingressos dela e de sua família, no entanto, para além do preço do ingresso, temos que considerar que ainda teria mais gastos como transporte de Ciudad del Este até o Terminal de Transporte de Foz do Iguaçu e depois pegar um ônibus que os leve até as Cataratas. Esses gastos, dependendo de quantos membros há na família teria um impacto muito grande no orçamento uma vez que sairia um valor de no mínimo R\$ 150,00, considerando os ingressos de dois adultos, as passagens de Ciudad del Este até Foz do Iguaçu no valor de R\$ 5,50, mais o custo da passagem do terminal de Transporte Urbano de Foz do Iguaçu até as Cataratas e depois as passagens de retorno para casa também, que seriam mais duas, das Cataratas até o Terminal de Transporte Urbano, e da frente do TTU até Ciudad del Este. Lembrando que os ônibus que vão até Ciudad del Este, não entram dentro do TTU, e quando chegam de lá também não. Eles têm pontos próprios de embarque e desembarque. Os ônibus da empresa brasileira ou da empresa paraguaia, fazem praticamente o mesmo percurso dentro do lado brasileiro. Já no lado paraguaio, vai depender do destino onde cada um irá ficar. Por vezes, é necessário pegar mais um ônibus para chegar ao endereço residencial, e claro, será preciso pagar mais uma passagem.

Enquanto conversávamos com ela, percebemos que em sua camiseta estavam presos alguns prendedores de roupas e sua camiseta estava um pouco molhada (ela estava lavando roupas e parou para nos atender). Um vendedor de giletes de barbear chegou em

sua moto com um catálogo de produtos e percebemos que ele é fornecedor. Enquanto ela o atendia, aproveitamos para registrar os produtos que são vendidos ali. Abaixo, segue algumas fotos:

Foto 16: Máquina de Jogos



Fonte: Trabalho de campo, 2018.

Um dos diferenciais aqui é a máquina de jogos que não encontramos em outros comércios. Além da máquina podemos ver a bola que antes estava com um dos filhos de Claudia no quintal e durante a conversa foi deixada ali. O fato de casa e comércio serem separados e unidos por apenas uma porta, impulsiona para que haja esse tipo de situação com as crianças porque muitas vezes elas não entendem que os produtos que estão ali são

para revenda. Claudia contou que várias vezes já viu suas crianças tentando pegar os brinquedos que estão à venda para brincar. Separar o espaço privado do espaço comercial nem sempre é fácil quando se têm crianças no mesmo ambiente.

Foto 17: Galões de água, cerveja e outros produtos para comercialização



Fonte: Trabalho de campo, 2018.

Uma coisa que nos chamou a atenção é que a geladeira que utilizavam para a casa e o comércio era a mesma. O uso do *freezer* também era compartilhado entre os dois ambientes. Isso denota essa articulação entre moradia-*almacén* (local de trabalho) para essas mulheres que realizam o trabalho reprodutivo (coisas de casa, cuidar de filhos) e o trabalho de sustento ao mesmo tempo. O *almacén* é uma estratégia para dar conta de um trabalho excessivo que é imposto às mulheres numa sociedade que perpetua a desigualdade de gênero. Talvez, seja uma estratégia que ameniza o sofrimento que passam por essas desigualdades estruturais de uma sociedade capitalista e patriarcal.

Foto 18: *Freezer* com alimentos e bebidas



Fonte: Trabalho de campo, 2018.

Paramos a conversa, nos despedimos e seguimos para a próximo. Eles continuaram a conversar.

Era de manhã e o sol estava muito quente. Ao terminarmos o diálogo, vimos uma árvore de manga com um banco de madeira embaixo, nos olhamos e sentamos um pouco para aproveitar a sombra e observar um pouco mais o bairro. Bebemos água também. Com poucos segundos já avistamos outro *almacén* e decidimos que o mesmo seria o próximo a ser visitado. Seguimos pelo meio da quadra onde parecia ser em algum momento um campo de futebol, no entanto havia pouca grama.

Quando estávamos bem próximos ao *almacén*, percebemos que estávamos sendo observados pelas vizinhas que estavam sentadas, tomando tereré e conversando em frente à sua casa. São três mulheres que nos olhavam com estranhamento, afinal éramos os diferentes ali e estávamos carregando cadernos, que é algo visto como controle para elas, porque durante o percurso anotamos algumas coisas. Passamos por elas, cumprimentamo-

las com uma leve mexida na cabeça e adentramos ao terceiro *almacén*. De início o primeiro som que ouvimos foi do *freezer* que acomodava as carnes que seriam vendidas por pedaços ainda congelados. Chegamos e não havia ninguém para nos receber, logo a Dona Mirta saiu de sua casa que é anexada ao *almacén* e veio conversar com a gente. Quando ela chegou no balcão ouvimos sua filha gritando “!Mami, mami!”, e ela pediu para que a criança esperasse. De início já observamos que o *almacén* é separado da sala de casa por apenas uma cortina, feita de um lençol azul, que está preso em um pedaço de barbante que atravessa os dois lados da parede, sendo preso por pregos. Foi possível ver ainda o sofá, a parede sem pintar e alguns brinquedos que ali mostram que existe crianças. Nos apresentamos e assim iniciamos o diálogo. Ela contou que trabalha há 15 anos com *almacén* e que faz 20 anos que mora em Ciudad de Este e se mudou ali em busca de emprego. O *almacén* foi a alternativa que encontrou para conseguir cuidar da casa, dos 5 filhos e ainda ter uma fonte de renda. Enquanto conversávamos chegou uma cliente do mercado e pediu G\$ 10,000 em carne, observei que ela abre o *freezer*, pegou um pedaço grande de carne congelada, cortou um pedaço, pesou e separou a quantia que custava o valor que a menina pediu.

Foto 19: Despensa Jorgito



Fonte: Trabalho de campo, 2018.

Aqui, um pouco diferente dos demais, a entrada do *almacén* que também é a mesma da casa, tem um jardim e uma varanda com mesa e cadeira. Há uma intersecção entre casa e comércio. A varanda com mesa é usada pelos moradores da casa, mas é vista por todos os clientes que ali compram.

Dona Mirta, contou que nunca foi assaltada, e trabalhava todos os dias de seis e meia da manhã até as 21h. Os produtos mais vendidos eram remédio, shampoo, carnes, pães, leite, macarrão que são produtos necessários para o trabalho reprodutivo das mulheres que é fazer comida, cuidar de filhos, de familiares doentes.

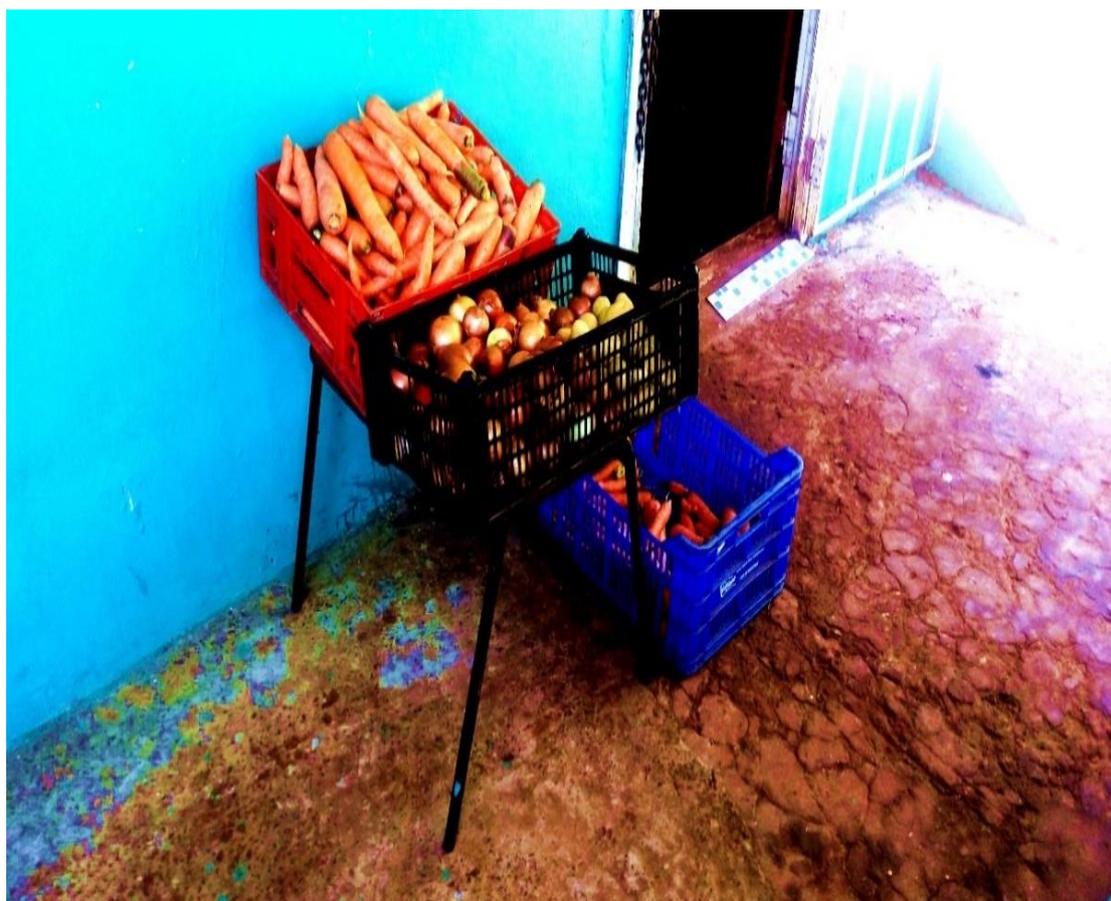
E diferente de outras donas de *almacenes*, ela não atravessa a fronteira, compra todos os produtos que necessita no mercado Lopes que fica em Ciudad del Este.

Ao chegar no quarto *almacén* que tem nome Noel, no Bairro Fátima em Ciudad del Este nos deparamos com crianças sentadas em suas pequenas cadeiras, colorindo folhas em brancos com o que sua imaginação pedir. Enquanto a mãe delas nos recebia, elas continuavam suas conversas sobre os desenhos que estavam fazendo e que pretendiam fazer. Diziam algumas palavras em guarani, não conseguimos entender o significado. Joana perguntou se éramos da universidade, dissemos que sim, e ela nos recebeu sorrindo, pegou as cadeiras que estavam empilhadas em sua varanda, posiciona-as para que nos sentássemos, e nos ofereceu água (o dia estava muito quente), aceitamos. Ela perguntou sobre o que estamos pesquisando, e prontamente se dispôs a nos ajudar, dizendo que ela também era estudante e sabia das dificuldades que passamos quando precisamos buscar informações com as pessoas. Perguntou nossos nomes, sua irmã, rapidamente interfere e nos conta que ela é estudante de psicologia, e que os vizinhos sempre pedem para conversar com ela. Quando eu disse meu nome, ela sorriu e disse que é muito bonito, e que é também o nome de sua filha. Tem 23 anos, trabalha há 10 anos com *almacén*, que era de sua mãe, mas que ainda ajuda a cuidar. Na casa moravam quatro adultos (ela, sua mãe, seu esposo e sua irmã) e três crianças (dois filhos e um sobrinho). Seu esposo trabalha em um depósito de frutas em Foz do Iguaçu porque lá o salário é melhor. O dinheiro que entra com a venda dos produtos do *almacén*, alcança somente os gastos com a comida, os demais gastos são pagos com o salário do esposo.

Trabalha todos os dias das 7h às 21h. Os produtos que são vendidos são provenientes do Foz do Iguaçu e do mercado de Abasto em Ciudad del Este. Sobre os produtos, ela comprava na Vila Portes, bairro que está próximo a Ponte da Amizade, açúcar, ovos, porque são mais baratos. Em Puerto Iguazú, compram doces, vinho, farinha,

macarrão e azeite. Sua família veio para Ciudad del Este em busca de trabalho. Joana, contou que na aduana, já prenderam algumas de suas mercadorias, como frango, açúcar e independentemente da quantidade, ela ficou sem as mercadorias. Enquanto conversava com a gente, começou a limpar a casa também. Sua irmã contou que os vizinhos iam ao *almacén* para comprar e já aproveitam para tomar tereré e conversar com Joana que fazia psicologia “*Los vecinos, vinem acá para hablar con la psicologa y pedir sus consejos*”. Sobre as vendas no *almacenes*, Joana contou que eles usam algumas estratégias, como por exemplo, fazer promoções dos produtos, o que garante que chama a atenção de vários clientes, inclusive se clientes que moram mais longe “*por productos más baratos, las personas vienem de lejos*”. Disse que existe rivalidade entre as donas de *almacenes* e que algumas vezes as pessoas são maldosas, na tentativa de sobreviverem e conseguirem dinheiro para cobrir seus gastos.

Foto 20: Legumes expostos para venda



Fonte: Trabalho de campo, 2018.

Uma parte das mercadorias, no caso, os legumes, ficam expostos do lado de fora do *almacén*, na varanda da casa, que serve também como entrada para o comércio. Ali, é

fácil de ver o que tem disponível para venda, inclusive para as pessoas que passam pela rua, já que a grade do portão permite avistar o que tem dentro do quintal. Essa é uma estratégia que a dona usava para atrair clientes, já que segundo ela, quando as pessoas veem os produtos, acabam parando ali para comprar.

Na competitividade que acontece entre os *almacenes*, já que todos são muito próximos, é preciso usar da criatividade para conseguir atrair clientes e vender mais produtos.

Outra estratégia utilizada pela dona desse *almacén* é deixar cadeiras na varanda e algumas vezes disponibilizá-las para clientes/vizinhas que são mais próximas e assim aproveitar o momento para vender os produtos.

Foto 21: Porta de entrada do *almacén*



Fonte: Trabalho de campo, 2018.

É possível observar nas fotos a presença de uma corrente que é usada para fechar a grade que protege a porta de entrada do *almacén*. Na foto acima, observa-se que a entrada está livre, diferente dos outros *almacenes* em que fomos. Tal situação acontece

porque a entrada do *almacén*, fica na varanda da casa, onde a família estava reunida e as crianças utilizando uma mesinha para colorir desenhos.

No quinto *almacén*, encontramos diversos produtos como coquito, bolacha, cueca virada, beterraba, açúcar, ovos, macarrão, farinha de trigo, óleo, molho de tomate, maionese, manteiga, chicletes, pão, suco em pó, erva-mate, vinho, álcool, mostarda, ketchup, vassoura, sardinha enlatada, doce de leite argentino, detergente, amaciante, sabão em pó (da marca Tixan), algumas prateleiras, um sofá, um balcão e uma cachorra com seu pequeno filhote.

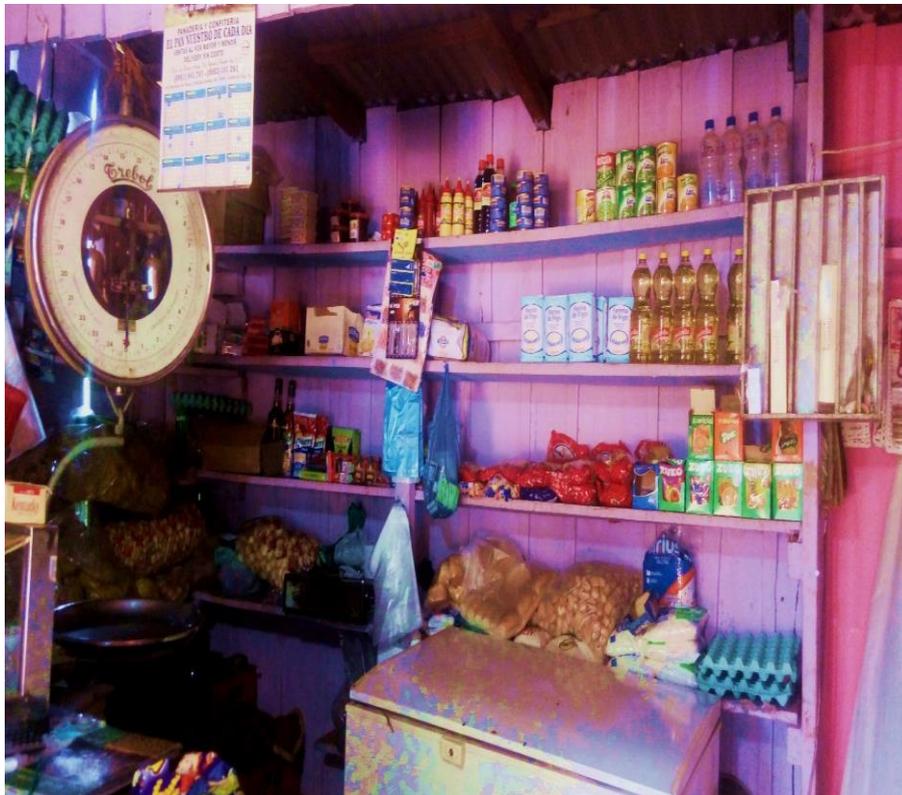
Dona Mercedes, contou que trabalha há 15 anos com *almacén*. Antes disso, ela conta que é apenas dona de casa, parece não se dar conta do outro trabalho que exerce, desconsidera-o. Isso porque ser dona de casa não é percebido como trabalho, ou seja, não existe a consciência do trabalho reprodutivo. Na casa moram 6 pessoas, entre elas, o seu filho mais novo de 13 anos, que estuda e às vezes, ajuda a cuidar do *almacén*. Mercedes relata que os produtos mais vendidos são leite, frango e sabão. O comércio é fechado todos os dias no horário do almoço, reabre a seguir e fecha novamente em torno das 21h. Os produtos são trazidos do Brasil e da Argentina. O frango de acordo com ela é mais barato no lado brasileiro. Ela contou que os produtos que revende, eram trazidos por outras pessoas, e isso faz com que os preços sejam um pouco mais caros. Sempre morou na fronteira. E quando perguntada sobre assalto ou roubo de mercadorias, ela nos disse que nunca sofreu nenhum em seu comércio. Aceita somente guarani, moeda paraguaia.

Foto 22: Produtos diversificados do *almacén*



Fonte: Trabalho de campo, 2018.

Foto 23: Produtos expostos na prateleira



Fonte: Trabalho de campo, 2018.

Nas fotos acima, podemos ver a variedade de produtos que estão expostos em prateleiras à venda. Os clientes não têm acesso direto aos produtos, é preciso que dona Mercedes os pegue. A balança antiga também está ali para pesar os produtos. Nesses pequenos comércios ainda não são aceitos cartões de crédito/débito. Não contam com o uso de tecnologias no que diz respeito as interações comerciais.

Naquele momento, Mercedes, parou a conversa, entrou na casa, saiu, chegou uma cliente e pediu G\$ 10,000 de mandioca, ela buscou, embrulhou cuidadosamente e entregou para a cliente. Nos informou que precisava fechar, porque estava no horário de almoço. Nos despedimos, agradecemos pelas informações e seguimos adiante.

Quando caminhamos, novamente, pelo bairro, em suas ruas de terra vermelha, pelo menos, ali onde passamos, já observamos esgoto a céu aberto e o mau cheiro que isso criava em alguns locais, vimos algumas galinhas que estavam soltas pelas ruas. Andamos mais um pouco e vimos muitas crianças brincando tranquilamente pelas ruas de terra, brincavam com bolas, corriam, e mais adiante, vimos crianças voltando da escola, estavam todas com seus uniformes, voltando à casa para almoçar. Os *almacenes* constituem uma rede de interações comerciais dinamizadas pelo trabalho reprodutivo.

Um problema relatado pelas donas de *almacenes* é em relação a uma rede de hipermercados que se instalou em Presidente Franco e impacta diretamente nas vendas de seus pequenos comércios. O hipermercado é grande e conta com uma infinidade de produtos para que os consumidores possam escolher. Há uma infinidade de produtos brasileiros. De acordo com as donas de *almacenes*, muitas pessoas gostam de comprar lá porque é um mercado grande e que de alguma maneira dá um pouco de status para quem compra.

O nome dos *almacenes* fala um pouco sobre a família das donas, o comércio fala um pouco sobre a casa. No caso pesquisado, a tipologia das casas é conjugada, onde comércio e residência se integram, formando um só, dando acesso ao estabelecimento através da porta da sala e vice-versa.

Um dos locais que visitei, com a estrutura descrita acima, a mulher disse que a conversa teria que ser rápida, porque ela precisava fazer o almoço para os filhos que já estavam quase na hora de ir à escola.

No puedo hablar, hay que ser muy pronto. Tengo que hacer el almuerzo para mis hijos que tienen clases luego mas. Los chicos son solo mi responsabilidad, lo papá de ellos no me ayuda con nada. Yo, sola, tengo

que sostenerlos y el almacén me permite que cuide de la casa, de los hijos y aun trabaje para tener dinero (Carmen, 43 anos).

Quando chegamos em frente ao *almacén*, vimos que Carmen, estava ao lado, pela grade do portão que é anexa ao *almacén*. Enquanto, eu a observava, ela estava esfregando umas camisetas em uma bacia de alumínio que estava acomodada em cima de um banco de madeira. Os filhos brincavam ao seu lado, corriam, jogando bola. Ela não se mostrou confortável enquanto nos apresentávamos. Parecia sempre desconfiada e depois perguntou: “¿*Son mismo de la Universidad ?*”. Explicamos que sim e que nossa pesquisa é sobre as mulheres que são donas de *almacenes*. Ela conversou pouco, mas nos contou sobre sua vida e sobre as obrigações que ficaram só para ela no cuidado com os filhos, já que o pai das crianças não os ajudava com nada. Contou-nos que o *almacén* foi a alternativa que encontrou para garantir o sustento do lar e que poder trabalhar e cuidar ao mesmo tempo da casa era essencial naquele momento, porque ela também não conseguiria um emprego no setor formal, já que não poderia seguir os horários estipulados e porque não teria com quem deixar os filhos enquanto estivesse trabalhando em outro local.

3.3 - A família e o trabalho

Muitas vezes as famílias ajudam nos afazeres dos *almacenes*. Até mesmo no qual encontramos outras pessoas trabalhando, quando perguntados, sempre são parentes da dona. A participação familiar é marcante. A maioria dos estabelecimentos visitados tinham a presença de algum familiar na ajuda. Podendo ser esposo, filha/o, irmã/o, cunhada/o, mostrando que o comércio está também no âmbito familiar, e que além de atender os moradores do bairro, também gera renda, já que os outros trabalhadores recebem por seus trabalhos.

Os demais trabalhadores, fazem serviços como o de atender, organizar e buscar as mercadorias para os consumidores, fazer a pesagem dos produtos quando necessário, entre outras atividades.

Em alguns estabelecimentos, cada pessoa desenvolve uma função, enquanto um está no caixa, o outro se ausenta para fazer outras atividades necessárias fora do *almacén*. Enquanto um atende, outro organiza as mercadorias.

Como destacado, a cooperação familiar é um elemento muito marcante. No entanto, em todos os casos, a mulher é a dona do estabelecimento e a responsável por

atravessar a fronteira para fazer as compras no Brasil e na Argentina. Em alguns casos, só há a presença da mulher, razão pela qual comumente se pede ajuda às vizinhas e/ou familiares para ficarem com seus filhos durante sua ausência.

É a partir da família que se tem início os *almacenes*, alguns são heranças familiares de mãe para filha. Outros os pais deixaram para a filha, devido às condições de saúde ou por idade avançada.

Terminamos a nossa conversa, já estava ficando tarde e era preciso retornar ao Brasil. Antes, iremos mais uma vez passamos pelo Microcentro da cidade.

Ao entardecer o microcentro já estava quase vazio. Foi possível ter uma outra visão dos lugares que mais cedo estavam cheios de mercadorias expostas e de pessoas circulando. A paisagem estava muito diferente. Poucas pessoas circulavam pelas ruas. Encontramos muitas caixas de papelão e embalagens plásticas pelo chão. Outras dessas caixas estavam sendo recolhidas por pessoas que vendiam material reciclável. Havia embalagens de diferentes tipos de produtos jogadas pelas ruas, cigarro, bituca, embalagens de alimentos, garrafas de água, latas de refrigerante, em grande parte o lixo é deixado pelas pessoas que por ali passaram para comprar produtos ou conhecer.

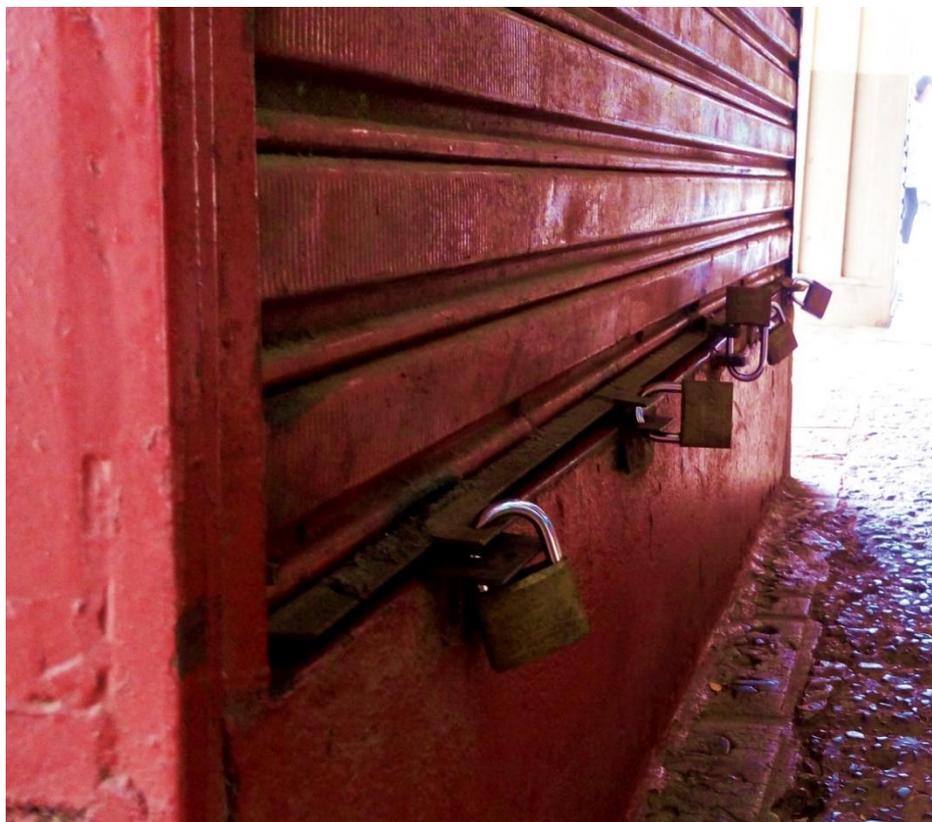
A organização dos locais de vendas forma uma paisagem completamente diferente dos momentos em que havia circulação de pessoas. Os espaços ficam vazios de pessoas e são preenchidos por caixas que guardam as mercadorias. As ruas ficam livres. Não existe ali “desculpa” ou “*perdón*” muito usados quando em horário de grande movimento uma pessoa esbarra na outra, devido ao alto número de pessoas circulando nesses espaços.

Foto 24: Microcentro ao final da tarde quando as mercadorias já foram guardadas e não há movimentação de pessoas.



Fonte: Trabalho de campo, 2018.

Foto 25: Guardador de mercadorias com cadeados para proteger de furtos



Fonte: Trabalho de campo, 2018.

Foto 26: Freezer com cadeados



Fonte: Trabalho de campo, 2018.

Ao final do expediente, os vendedores de água, sucos e refrigerantes trancam seus *freezers* com cadeados para que não haja furto dos produtos que estão armazenados e serão revendidos no outro dia.

3.4 Ida para a cidade dos doces, queijos e vinhos

Fomos também para Puerto Iguazú, muito conhecida pelas vendas do famoso *dulce de leche* argentino, dos queijos, vinhos e azeitonas. O ônibus que fez a linha internacional Foz do Iguaçu- Puerto Iguazú tem um de seus pontos em uma rua pouco movimentada que fica ao lado do Terminal de Transporte Urbano de Foz do Iguaçu. De hora em hora é possível ir para a Argentina, pois tem diversos horários para essa linha. Esperamos o ônibus chegar por volta de uns 40 minutos, durante a espera observamos que algumas pessoas almoçavam nos *trailers* que ali estavam instalados, outras estavam sentadas banco do ponto de ônibus conversando sobre os pontos turísticos que iriam conhecer, percebemos que ali tem uruguaios e alguns brasileiros, e todos estão felizes porque irão atravessar a fronteira e ir para as Cataratas do lado argentino. Chegou um ônibus, mas ainda não era o nosso. Era um ônibus que ia para São Miguel do Iguaçu,

cidade próxima a Foz do Iguaçu. Junto ao ônibus, vimos algumas pessoas vindo da rua, com suas sacolas de compra com produtos paraguaios. Escutamos alguns diálogos dessas pessoas enquanto armazenam suas mercadorias no ônibus e descubro que compraram mercadorias em Ciudad del Este para revenderem em pequenas lojas, em suas cidades, algumas pessoas compraram mantas e alguns perfumes também. Todas essas pessoas fazem uso da fronteira, para conseguirem produtos a preços mais baratos e assim conseguirem garantir uma renda para o seu sustento e de sua família. O ônibus partiu para São Miguel e ouvimos outras pessoas que estavam no ponto dizendo que esse ônibus não fará mais a linha Foz- São Miguel, por algum acordo político e que então as pessoas que o necessitarem, precisarão ir até a Rodoviária Internacional de Foz do Iguaçu para voltarem às suas cidades, a maior preocupação é com o preço da passagem, já que o valor será bem mais alto.

Chegou o ônibus que foi Puerto Iguazú, já tinha algumas pessoas dentro dele, paraguaios, indígenas e uruguaios. Entraram vários brasileiros, entre eles, eu. Paguei a passagem e recebi um *ticket*, que seria usado mais tarde. Iniciamos mais um atravessamento de fronteira. No ônibus foi possível ouvir diálogos em vários idiomas, português, guarani, espanhol, a presença de diferentes culturas invade aquele ônibus. Durante o trajeto, fomos observando diversos trabalhadores ambulantes pelas ruas de Foz do Iguaçu, havia gente de todas as idades, crianças também, infelizmente, elas vendiam balas em alguns pontos de ônibus de Foz do Iguaçu, essas crianças eram sempre paraguaias. O trajeto era composto por diferentes paisagens. Passamos pela Ocupação Bubas, passamos por condomínios, passamos por *shopping*, hotéis e restaurantes luxuosos, e por lugares bem simples, passamos pelo *Duty Free* e já estávamos próximos a Aduana, o ônibus parou e tivemos que descer. Quase todos os passageiros desceram do ônibus e seguiram para a fila. Os indígenas não desceram, não precisam dar entrada no país. Esperei na fila até que fosse minha vez de apresentar meu RG para o funcionário da Aduana. Escuto “*Proximo!*” e me dirijo ao guichê vazio. O funcionário pergunta: “*¿Donde te vas?*” , eu respondo “*Hasta Puerto Iguazú.*” Ele digita algo em seu computador, ao mesmo tempo em que meu RG está sendo escaneado. Olha novamente para mim e pergunta: “*¿Cuantos dias te vás a quedarse en Puerto Iguazú?*”, e eu respondo “*Vuelvo hoy para Brasil.*”, ele devolveu meu RG e eu segui adiante. Sai e precisei colocar a minha mochila no raio-x para ser verificada, passei pelo detector de metais e entro pegar minha mochila que estava na esteira. Segui para perto de onde o ônibus que eu estava foi estacionado. Quando entrei no ônibus precisei entregar o ticket que o motorista me

entregou quando paguei minha passagem. O *ticket* é usado para o controle dos passageiros que usam o transporte, já que nem sempre conseguimos ir no mesmo ônibus que chegamos até a Aduana. Entrei no ônibus e comecei a observar a paisagem que é bem diferente.

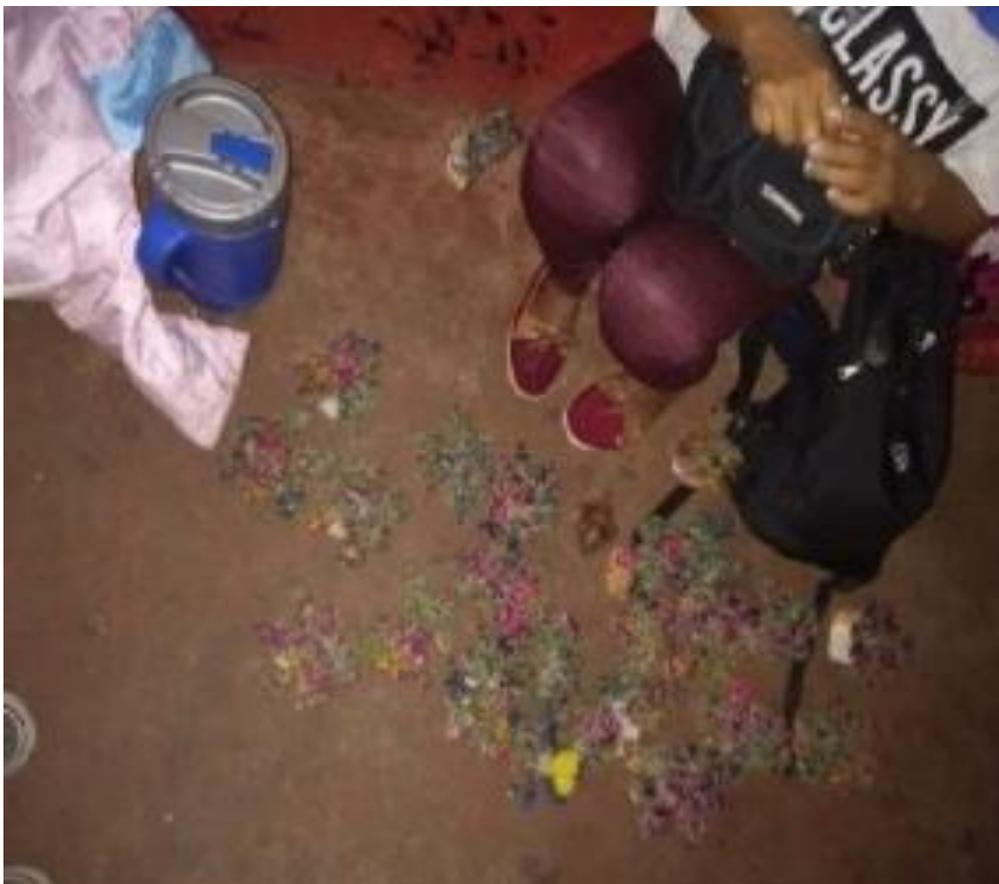
Chegamos ao terminal de transporte urbano de Puerto Iguazú, descemos do ônibus e começamos a caminhar pela cidade. Nossa intenção foi encontrar mulheres paraguaias donas de *almacenes*, fazendo compras pelos mercados da cidade. Caminhamos e observamos o movimento de pessoas pelas ruas e calçadas. Encontramos um senhor senegalês que estava vendendo artesanato para sobreviver. Ele conversou um pouco conosco e contou sobre sua história de vida e sua vinda para a Argentina, contou que foi uma questão de sobrevivência. Encontramos várias pessoas caminhando pelas ruas, pelos comércios, e também vendedoras ambulantes que vendem frutas, são mulheres paraguaias que atravessam o rio todos os dias para trabalharem em Puerto Iguazú. Essas mulheres atravessam em pequenos barquinhos, com seus carrinhos de mão já abastecidos de frutas e retornam ao Paraguai no período da tarde.

Encontramos também, vendedoras de artesanatos feitos com pedra de uma mina que fica em Wanda, essas mulheres ficam em alguns pontos da cidade, juntamente com seus filhos, tentando vender seu artesanato. Muitas vezes esses mesmos artesanatos que elas vendem nas ruas, são vendidos em lojinhas especializadas em lembrancinhas para turistas, no entanto, o valor é muito acima do que podemos encontrar nas ruas. As mulheres que encontramos ficavam em uma calçada, que estava próxima a *Feria* de Puerto Iguazú, junto com elas estavam as crianças que tentavam ajudar a mãe a vender as pequenas árvores feitas de pedra, e também pedras individuais um pouco maiores. Um amigo que está me acompanhando nesse dia, comprou uma arvorezinha e a criança que estava acompanhada de sua mãe, ofereceu uma pedra como um presente: “*Tio, una piedra para você*”, assim mesmo, nessa mistura de português e espanhol. A criança percebeu que éramos brasileiros, ainda que conversássemos com eles em espanhol. A mistura de palavras nos dois idiomas é a tentativa de se comunicar melhor.

Essas mulheres passam os dias nessas calçadas tentando vender seus artesanatos para garantir o sustento das suas famílias. Por não terem com quem deixar os filhos, os levam juntos e todos passam o dia pelas calçadas, esperando por turistas que comprem seus produtos.

As arvorezinhas são de pedrinhas de cores variadas, disponibilizadas em um arame que vai dando o formato das folhas e dando formato a árvore.

Foto 27: Vendedora de artesanatos no centro de Puerto Iguazú



Fonte: Rodrigues, 2019.

No centro de Puerto Iguazú, encontramos também um senhor indígena vendendo seus artesanatos na esquina de uma loja. Paramos e conversamos com ele, e nos contou que é da etnia Maká, e que mora na comunidade Maká em Ciudad del Este e vai para a Argentina todos os dias vender seus artesanatos, que é a forma que encontrou para garantir dinheiro ao menos para a alimentação. Nos contou que também em alguns dias vendia seu artesanato em um restaurante de Foz do Iguazu, que contava com um espetáculo latino-americano em algumas noites. Esse restaurante permitia que ele e outros indígenas utilizassem a calçadas para vender seus produtos, no entanto, eles sempre estavam caracterizados com acessórios que remetiam ao indígena, como por exemplo, penas e cocar, porque assim conseguiam também chamar mais atenção dos turistas e moradores que por ali circulavam. Os vendedores indígenas são um espetáculo à parte na casa de show.

Seguimos mais adiante e encontramos uma distribuidora de Puerto Iguazú, entramos, olhamos os produtos que vendem ali e perguntamos os preços de produtos específicos, ali não encontramos nenhuma mulher paraguaia fazendo compras para abastecer seu *almacén*. Seguimos caminhando e em uma esquina vejo uma van com placa paraguaia, olhei para o lado e na outra esquina vi mulheres paraguaias saindo do mercado com diversas mercadorias, sendo que a que é mais possível de perceber são os pacotes de fraldas descartáveis, de uso adulto e infantil, são sacos fechados com dezenas de pacotes de fralda.

Foto 28: Distribuidora em Puerto Iguazú e donas de almacenes



Fonte: Trabalho de campo, 2019.

Foi possível perceber que eram paraguaias, inclusive pelo sotaque que se diferencia muito do espanhol que ouvimos ali naquela região argentina. Ficamos do outro lado da rua e escutamos um diálogo entre duas mulheres, dizendo o seguinte: “*Nosotras tenemos que conseguir pasar por la aduana argentina, Receta Federal y aduana paraguaia, sin perder lo que compramos.*” E depois seguiram com os produtos para a van. O motorista da van ajudou organizar as compras e seguiram em direção a Ciudad del

Este com a esperança de conseguir passar pelas fiscalizações sem terem a mercadoria apreendida.

Andamos um pouco mais e chegamos a ‘feirinha de Puerto Iguazú, onde são encontrados diversos produtos alimentícios e bebidas, em especial vinhos, alfajores, azeitonas e queijos. Podemos observar na foto abaixo alguns produtos expostos, como azeites, azeitonas e alguns doces.

Foto 29: Comércio na Feira de Puerto Iguazú



Fonte: Trabalho de campo, 2019.

Todos esses produtos ficam expostos para que os turistas possam vê-los e em alguns casos existe opções para experimentar como é o caso das azeitonas temperadas, alguns queijos e alguns vinhos. Os vendedores costumavam ser simpáticos e oferecerem alguns dos produtos para experimentação. Era comum andar por lá e ver que as pessoas experimentaram e optaram por comprar alguns dos produtos.

Foto 30: Produtos da Feirinha



Fonte: Trabalho de campo, 2018.

Nessa imagem podemos ver vários produtos, entre eles queijos, doce de pêsego e latas de doce de leite. Os produtos aqui comercializados, não chegam até os *almacenes*, uma vez que aqui eles já são vendidos a um preço mais alto porque é um local voltado para o turismo.

Sáímos da Feirinha de Puerto Iguazú e fomos em direção ao terminal de transporte, lá pegamos um ônibus com destino a Vila Portes, em Foz do Iguaçú.

Foto 31: Ônibus que faz o transporte de pessoas entre Puerto Iguazú e Foz do Iguazú



Fonte: Dalila Tavares Garcia, 2018.

No ano de 2019, o último horário de ônibus disponível para o Brasil era às 18h. Após esse horário para atravessar a fronteira é preciso ter veículo próprio, ou alugar van/táxi. Inclusive, existem algumas empresas que fazem pacotes de viagem mais baratos para pessoas que alugam as vans em grupos. Serve tanto para ir do Brasil à Argentina quanto para o inverso. À noite, é muito comum que os turistas utilizem esse tipo de transporte, já que em Puerto Iguazú tem casas de show e restaurantes frequentados por tal público.

3.5 - Ida ao bairro do atacado e varejo

O bairro Vila Portes, está localizado próximo a Receita Federal e Ponte da Amizade, de alguns pontos do bairro é possível enxergar o rio que divide o Brasil e o Paraguai. O bairro é repleto de comércios de produtos variados, sendo, farmácias, lojas de cosméticos, roupas, hortifrutigranjeiros, brechós, alguns pequenos estabelecimentos comerciais como restaurantes e pequenos bares que vendem alimentos e bebidas e hotéis.

O comércio na Vila Portes foi desenvolvido justamente devido à grande circulação de pessoa e intercâmbio comercial entre o Brasil e o Paraguai que foi estabelecido com a construção da Ponte da Amizade. Esse bairro abriga diferentes tipos de comércios, entre eles fornecedores de produtos alimentícios, que atendem à demanda de diversos comércios da região, em especial comércios paraguaios, no caso aqui, os armazéns e também de vendedores ambulantes de mercadorias no Microcentro de Ciudad del Este.

Com o aumento do dólar, caiu o movimento de brasileiros que consumiam produtos em Ciudad del Este o que impactou negativamente a área comercial da Vila Portes, inclusive causando o fechamento de vários comércios. O aumento dos tributos em cima das mercadorias brasileiras que eram vendidas do lado paraguaio também contribuiu para a queda de movimento no bairro brasileiro.

Mapa 3: Localização do bairro Vila Portes na fronteira entre Brasil e Paraguai



Fonte: Imagem Google Maps (Elaboração nossa)

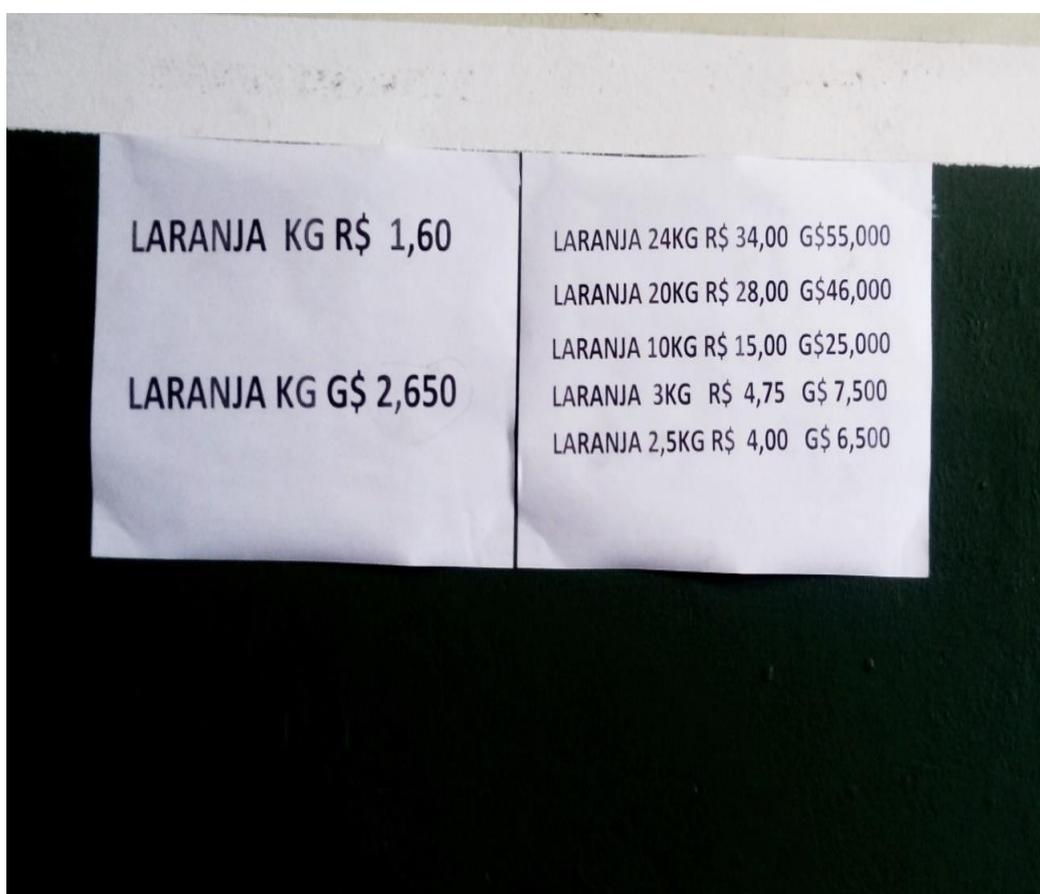
Em todos os estabelecimentos atacadistas que visitamos, percebemos que a maioria dos funcionários eram paraguaios. Como o comércio atacadista é voltado mais

para venda de produtos para compradores paraguaios, isso facilita no atendimento, já que falam o mesmo idioma. Outra vantagem para os atacadistas terem vendedores paraguaios é que a mão de obra é mais barata.

A dinâmica comercial da Vila Portes é ligada diretamente com o cunho comercial estabelecido com Ciudad del Este. As intensas relações de fronteira determinam os fluxos desse espaço.

Ao caminhar pelo bairro, observamos o grande número de pessoas que por ali circulam. Alguns comércios já colocar os preços de alguns de seus produtos em real e guarani (moeda paraguaia) como podemos observar no anúncio abaixo:

Foto 32: Cartaz com preço da laranja em real e guarani



Fonte: Trabalho de campo, 2018.

Colocar o preço nas duas moedas, já indica que os compradores usam as duas moedas e deixa claro que é alto o número de compradores paraguaios. Em alguns comércios os anúncios já estão apenas em espanhol, como podemos observar na parede de um comércio.

Foto 33: Caixas de laranja sendo descarregadas no hortifrutigranjeiro



Fonte: Trabalho de campo, 2018.

Caminhamos mais um pouco e encontramos um hortifrutigranjeiro onde descarregavam várias caixas de laranja. Boa parte das frutas são revendidas para o comércio de alimentos de Foz do Iguaçu, como bares, restaurantes e lanchonetes para o preparo de sucos.

É comum vermos vários caminhões cheios de caixas ou sacos de laranja espalhados pelo bairro.

No comércio brasileiro percebemos uma grande quantidade de paraguaios que compram açúcar, legumes e frutas para revender em Ciudad del Este. Foi possível encontrar muitas vans carregadas de compras que seriam levados ao Paraguai.

Foto 34: Sacos e caixas de laranja expostos para venda



Fonte: Trabalho de campo, 2018.

O bairro conta com um grande número de hortifrúti, então enquanto caminhávamos encontramos vários pelo caminho.

Foto 35: Caminhão carregado de frutas



Fonte: Trabalho de campo, 2018.

É possível observar que na parede tem um número de telefone brasileiro e um número paraguaio, isso acontece porque a maioria dos compradores são paraguaios.

Foto 36: Comércio de roupas usadas na Vila Portes

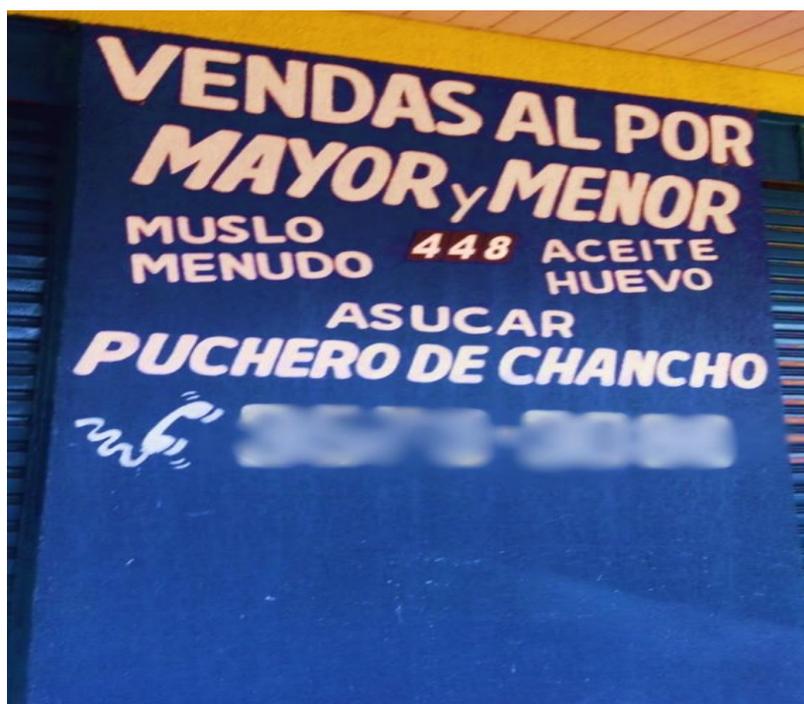


Fonte: Trabalho de campo, 2018.

A van presente na foto acima é muito utilizada pelas donas de *almacenes* quando vão para o lado brasileiro e argentino comprar mercadorias para revender.

Raras vezes vemos que elas compram alguns fardos de roupas usadas, no entanto, nunca vimos roupas usadas para venda. As peças que revendem são sempre novas, incluindo tanto roupas, quanto calçados adulto e infantil. A dúvida é que essas vendas possam acontecer de porta em porta ou que esses fardos sejam com roupas escolhidas por elas mesmas para vestir a própria família.

Foto 37: Informações na parede indicando vendas por atacado e varejo.



Fonte: Trabalho de campo, 2018.

O anúncio indica que as vendas são por atacado (*mayor*) e varejo (*menor*), azeite (*aceite*), ovos (*huevos*), açúcar (*asucar*, mas que na grafia correta em espanhol é *azucar*), e Puchero de porco (*puchero de chancho*)

A maioria desses comércios são locais de compras de produtos para abastecer os *almacenes*. Então, as mulheres viajam constantemente a esses locais e acabam construindo relações de amizade com outras mulheres que fazem os mesmos percursos.

3.6 - As viagens de compra pela fronteira e as relações de sociabilidade estabelecidas entre as donas de *almacenes*, a família e os vizinhos

No comércio informal é possível notarmos que relações afetivas, de cordialidade e amizade estão presentes. Os deslocamentos permitem, em alguns momentos, que essas mulheres se encontrem e falem de suas vidas e suas histórias, interagindo socialmente. Quando decidem ir aos outros países fazerem suas compras, a viagem se torna o momento de encontro e para além das práticas comerciais existem também as trocas pessoais.

O grupo de mulheres, que normalmente, moram perto umas das outras, alugam uma van e decidem o dia que irão atravessar a fronteira. Outro grupo de mulheres, podendo ser as mães, vizinhas ou com algum grau de parentesco, ficam responsáveis pelos filhos das mulheres que foram às compras. Essa prática permite que entre elas haja

uma rede de solidariedade, possibilitando que todas trabalhem e que não tenham tantas preocupações em relação a quem irá ficar com seus filhos no tempo em que elas estão fora.

As interações ocorrem também quando elas se encontram em outros momentos que não sejam destinados às compras e aos cuidados com os filhos. Tomar tereré é um desses momentos. Elas vão nas casas umas das outras e de outras vizinhas que são suas clientes e levam os filhos, preparam o tereré, sentam em suas cadeiras de fio na frente da casa ou do *almacén* e enquanto seus filhos brincam, elas conversam sobre suas vidas. Esses momentos acontecem mais ao final da tarde à noite, que é quando elas fecham os *almacenes* e se permitem um momento de lazer. Mesmo com as viagens, é possível observar que elas têm interesse em criar momentos de lazer, não perdendo os vínculos já estabelecidos. Simmel (1996) diz que: “É o jogo no qual se ‘faz de conta’ que são todos iguais e, ao mesmo tempo, se faz de conta que cada um é reverenciado em particular; e ‘fazer de conta’ não é mentira mais do que o jogo ou a arte são mentiras devido ao seu desvio de realidade” (SIMMEL, 1996, p. 173). Mesmo que os deslocamentos tenham um objetivo, as mulheres buscam manter momentos de lazer.

As relações de sociabilidade se estendem também com os comerciantes brasileiros e argentinos, que possuem os estabelecimentos onde essas mulheres fazem suas compras. As pessoas compartilham sobre suas vidas criando laços afetivos. Essa relação é tão presente que as comerciantes acabam por frequentar os mesmos comércios onde já conhecem as/os vendedoras/es, confirmando a relação estabelecida.

As mulheres paraguaias donas de *almacenes*, moram no mesmo bairro que seus comércios, sendo estes, extensões de suas casas. As relações que estabelecem também estão presentes no cotidiano com os consumidores que frequentam seu comércio. Essas pessoas frequentam os mesmos lugares, vão à mesma igreja, estão nas mesmas reuniões e festas familiares, talvez estudaram na mesma escola, sabem da vida de cada um, frequentam as casas uns dos outros, conhecem as dificuldades cotidianas das pessoas e também enfrentam os mesmos problemas no bairro.

As relações entre as proprietárias de pequenos comércios são diferentes, por exemplo, das relações que se estabelecem com os mercados do centro ou de Presidente Franco. No bairro é possível notar relações de vizinhança/amizade, e perceber que as pessoas se conhecem. Já em comércios grandes, a relação é interpessoal, só tem o atendimento e os consumidores se retiram sem mais conversas.

Uma das buscas das pessoas que frequentam os *almacenes*, é a facilidade em não precisar percorrer grandes percursos para comprar os produtos que necessitam e ainda é uma ótima maneira de interagir com os vizinhos. Outra vantagem oferecida é que, às vezes, o consumidor tem a opção de pagar depois, comprando fiado, para pagar quando receber o salário. Essa prática é bem comum entre pequenos comércios e seus compradores. E uma das vantagens para as donas dos *almacenes* é que como elas já conhecem os gostos de seus clientes, então, podem oferecer produtos diferenciados, ao gosto de cada um, aumentando as opções de marcas.

Para que os *almacenes* continuem presentes nos bairros, torna-se necessário que existam as relações sociais, porque são elas que condicionam as ações econômicas e se o comércio terá sucesso ou não. As ações econômicas, não são autônomas, precisam estar vinculadas com as relações sociais para constituir as perspectivas dos agentes.

Alguns *almacenes* possuem identificações com nome, geralmente de homens, como é o caso do *Noel* e *Jorgito*, que seriam esposo e pai das proprietárias. O comércio é cercado de referências, de rostos, de uma determinada família e de uma história. Ao se perguntar sobre algum deles, todos já relacionam ao nome que está na placa de identificação. No entanto, nem sempre o nome presente na placa é realmente do dono, porque no caso dos comércios pesquisados, todos têm mulheres como proprietárias, mas o nome de um homem parece que traz mais peso, e torna mais atrativo de acordo com as donas.

3.7 – O trabalho doméstico

Pretendemos dizer que nossa compreensão e experiências se dão a partir do nosso eu enquanto experiências em lugares que caminhamos, estamos, cruzamos, sentimos, inclusive os sentires podem ser diversos, dependendo do corpo que ali está.

O corpo feminino passa por situações diferentes do corpo masculino. O ser mulher, nos permite circular por diferentes lugares que o corpo masculino não permitiria, no entanto, esse mesmo corpo é o que nos impede de circular por outros territórios, levando em consideração as violências que esse corpo pode sofrer. Nessa jornada com as donas dos *almacenes* paraguaios, ser mulher me proporcionou adentrar em diferentes lugares que um homem não conseguiria. Conseguir conversar com todas essas mulheres nem sempre foi fácil. Algumas se mostravam fechadas e desconfiadas. Estabelecer vínculos foi um caminho árduo e que demandou tempo.

A condição dessas mulheres é atravessada por desigualdades. A ela não é permitido o direito de decidir sobre reprodução mesmo que ela assuma o resultado de suas escolhas. Algumas lutas já foram ganhas, no entanto, ainda falta muito para que elas exerçam sua cidadania plenamente.

Quando falamos das mulheres paraguaias, especificamente das mulheres donas de *almacenes* no bairro Área 4, percebemos que o trabalho em seu comércio e na casa está atrelado a uma exploração do trabalho, uma vez que apenas elas realizam todas essas atividades na casa e comércio. O fato de o trabalho ‘ser em casa’, facilita as atividades diárias delas em alguns momentos em que é preciso cuidar dos filhos, cozinhar e trabalhar. No entanto, a liberdade, como é visto por algumas pessoas, é nada mais do que excesso de trabalho. Essas mulheres estão trabalhando em casa e no comércio ao mesmo tempo. Um é extensão do outro. E quanto aos momentos de descanso, será que existem? Em todas as conversas, elas sempre se mostraram cheias de atividades. Em vários momentos algumas paravam a conversa para atender algum cliente, para atender os filhos, para atender fornecedor e depois voltavam a conversar. Por vezes, vimos prendedores de roupa pendurados em suas camisetas que estavam molhadas porque elas estavam lavando roupas. O papel de mãe e dona de casa é valorizado por elas. Trabalhar em casa mesmo tendo a divisão entre o lar e comércio é a forma que encontram de estar com seus filhos uma vez que a maioria não conta a presença e cuidados dos pais das crianças. Toda a responsabilidade com as crianças é da mãe. Ter uma renda proporciona autonomia, ainda que a rotina de trabalho seja extremamente cansativa quando elas precisam atravessar as fronteiras em busca dos produtos que serão revendidos. Essas mulheres têm sua trajetória marcada por excesso de responsabilidades e atividades em especial quando se trata da família.

Em relação ao trabalho remunerado, é preciso ressaltar que ele ultrapassa a jornada regular a que deveria. Quando precisam atravessar as fronteiras em busca de produtos para revender, a jornada começa por voltas de 4 h da manhã, se estende até o período da tarde e depois já em casa, com a organização das mercadorias e com os cuidados com os filhos, que vão desde banho, até fazer o jantar e colocá-los para dormir. O tempo diário gasto nessas atividades consome parte considerável das horas do dia. Essas mulheres trabalham mais do que se estivessem em jornadas formais de trabalho. Muitas mulheres, já idosas ressaltam que o *almacén* foi a alternativa que encontraram para trabalhar depois de mais idosas, já que não terão aposentadoria e ficavam muito cansadas trabalhando com vendedoras ambulantes no Microcentro de Ciudad del Este.

Quando falamos dos filhos, elas deixam claro que a eles é quem mais elas se dedicam, no entanto, o trabalho que elas têm com eles não é citado como trabalho, apenas os momentos em que atravessam a fronteira e que cuidam dos *almacenes*. Quando acontece algum imprevisto com os filhos como uma consulta médica, cabe apenas à mãe essa atividade, que muitas vezes deixa seu comércio fechado e os outros filhos com as vizinhas.

A força de trabalho da mulher ainda vale menos no mercado de trabalho que a dos homens. Na divisão sexual do trabalho temos a relação da mulher, reprodução e trabalho que estão sob os domínios capitalista/patriarcal. Tal relação se dá a partir da associação da capacidade reprodutiva juntamente com a responsabilidade social no cotidiano.

Quando o mercado de trabalho é precarizado, as jornadas de trabalho acabam sendo indefinidas e causam maiores dificuldades para as mulheres, em especial em relação ao trabalho reprodutivo e produtivo. São criadas fronteiras que se perpassam entre os dois trabalhos, gerando jornadas exaustivas.

O tempo do trabalho produtivo e reprodutivo tem lógicas particulares, sendo que o primeiro é:

Uma lógica diacrônica, linear e facilmente tornada objetiva mediante o sistema de horário, enquanto o segundo se move em uma lógica sincrônica, difícil de precisar sem a percepção subjetiva da experiência vivida cotidianamente e com uma descontinuidade, só visível através do ciclo de vida feminino. (TURNS, 2002, p. 138).

As jornadas de trabalho de homens e mulheres são diferenciadas, considerando o tempo dedicado ao trabalho reprodutivo, tendo em consideração que é uma questão no modo de produção capitalista. A divisão de trabalho entre homens e mulheres faz parte da divisão social do trabalho. O capitalismo utiliza das diferenças sexuais

Coelho (2002), ressalta que basicamente tudo o que é feito em durante o dia gira em torno do trabalho: os bens de consumo adquiridos têm a ver com o salário, as relações sociais e grupos de convívio também estão incluídos, o modo de se vestir, conversar e a rotina diária que possuem, são ditadas pela rotina do trabalho. A autora comenta que boa parte das preocupações do universo feminino está na qualidade de vida que querem proporcionar aos filhos. Para alcançar os objetivos, elas adotam ritmos muito estressantes em sua vida, interferindo na qualidade de vida.

Ávila e Portes (2012), destacam que ter uma jornada tripla de trabalho (aqui incluímos, casa, comércio e estudo), não é uma tarefa simples porque as famílias o que

causa sentimento de culpa nas mulheres gerando estresse e sofrimento emocional. Para Azambuja (2007), com tantas exigências familiares sobre elas, as mulheres não têm condições de dar conta de todas as responsabilidades que lhe são atribuídas, gerando sensação de incapacidade, sofrimento e desgaste que influenciam diretamente no processo de viver humano. Muitas dessas mulheres estão acostumadas com o trabalho árduo da roça e reproduzem isso.

Conciliar trabalho produtivo e reprodutivo gera grandes desgastes na vida cotidiana dessas mulheres, por vezes culpa por não ter o tempo que queria para a família. Com toda essa carga, uma das maiores preocupações das mulheres é com o cuidado com os filhos pequenos, que mais dependem delas, gerando para além de cansaço emocional, o cansaço físico.

Trabalhar proporciona certa liberdade para essas mulheres, no entanto é necessário refletir sobre como cada uma está desempenhando esses papéis e que essas jornadas acarretam na vida e saúde física e mental dessas mulheres, já que percebemos que o autocuidado é quase nulo. As mulheres vivem em busca de realizações e de tentar conciliar trabalho produtivo e reprodutivo, tentando conseguir desempenhar todos os papéis que lhe atribuem. No entanto, se não houver equilíbrio entre as atividades, os impactos na saúde física e mental podem ser grandes.

Falar em questões de gênero, implica em se pensar e considerar os diferentes papéis das mulheres na sociedade. Várias mudanças enfatizam hoje, a maneira como as mulheres querem ser vistas. Aquela imagem de frágil que necessita dos cuidados e proteção, passa a ganhar uma nova perspectiva. A partir de reflexões a respeito do que é de fato “ser mulher”, as mulheres começam a ser vistas e a se enxergarem como sujeitos em constante construção. De modo que estas se encontram em busca de desenvolvimento pessoal e realizações profissionais.

Lipovetsky (2000), afirma que antes de se inserir no mercado de trabalho, a mulher sofria pela ordem social e patriarcal. Diante das lutas feministas e com a escolarização e profissionalização, a mulher começou a ter mais contato social. De modo que, as mesmas passaram também a revisitar o passado e tecer críticas sobre o mesmo, e sobre as suas condições, sobre como as meninas/mulheres eram cridas, sendo submissas aos limites impostos pelos grupos sociais aos quais estavam inseridas, até mesmo a escolha profissional era imposta.

Estas e outras questões, são hoje discutidos por grupos em sua maioria feministas, que ressaltam que há uma sobrecarga de trabalho sobre a mulher, porque além de manter

atividades domésticas, incluindo o cuidado com os filhos, é também responsável por trabalho fora do lar. Os sexos competem cada vez mais, e isso é claramente percebido no discurso de mulheres que estão no mercado de trabalho.

Assim, a transformação pode ser vista como acelerada e também lenta, na dependência do referencial temporal que se utiliza. Nessa ótica, pode-se afirmar que valores tradicionais como “Respeito”, “Obediência”, “Submissão”, “Delicadeza no Trato”, “Pureza”, “Capacidade de Doação” e “Habilidades Manuais”, que foram considerados atributos fundamentais e definidores da “boa moça” até meados do século XX, são “passados para trás”, o que significa “deixar de estar na linha de frente” da educação da menina/moça, permanecendo, sem dúvida, de forma “encoberta” enquanto a mulher conquista o direito à escolarização e a exercer atividades profissionais diversificadas (BIASOLI-ALVES, 2000, p. 237).

Embora inúmeras alterações no papel social e/ou profissional da mulher tenham sido realizadas, há alguns aspectos que ainda permanecem conflitantes, principalmente no que diz respeito aos papéis dos homens e das mulheres no ambiente familiar. Há muitas incompatibilidades quando se trata das funções, dos direitos e deveres, fazendo com que a mulher esteja sempre direcionada a afirmar-se mediante o mundo masculino/feminino (COSTA, 2001, p.51.)

Desse modo, percebemos que a divisão dos trabalhos domésticos, do cuidado com os filhos e da educação não acompanham sistematicamente as mudanças que acontecem na vida das mulheres quando elas têm maior participação do mercado de trabalho e no sustento do lar.

Rocha-Coutinho (2003), salienta que o descompasso dessas mudanças é perceptível em diferentes aspectos, como por exemplo, no fato de que o trabalho doméstico ainda é denominado como sendo de mulher.

É preciso entender as desigualdades entre os homens e mulheres para que possamos entender porque o feminino é subalternizado historicamente. Deste modo, o conceito de gênero como categoria de análise retira o caráter de mito de questões biológicas como fundamentação do patriarcado na sociedade, pois, de acordo com a historiadora Joan Scott:

El género es la organización social de la diferencia sexual. Pero esto no significa que el género refleje o instaure las diferencias físicas, naturales y establecidas, entre mujeres y hombres; más bien es el conocimiento

el que establece los significados de las diferencias corporales (SCOTT, 2008, p. 20).

A partir deste conceito, é possível perceber que as mulheres são inferiorizadas, a partir de construções sociais, que estabelecem inclusive quais atividades elas devem fazer/exercer. Ainda hoje, a mulher em muitos lugares é vista como alguém que ajuda o homem, que é quem mantém a família, tal fato ainda está muito presente no imaginário social. No entanto, a tal dona de *almacén* nos mostra que não é bem assim, pelo menos, agora em sua casa. Elas mantêm a casa sozinha e cuidam dos filhos também, o *almacén* foi a alternativa que encontraram quando seus companheiros a abandonaram.

As mulheres entrevistadas, relataram que devido ao cuidado com os filhos e as responsabilidades domésticas, que estavam acometidas somente a elas, era preciso encontrar um trabalho que oferecesse maior flexibilidade, podendo conciliar trabalho e casa, e os *almacenes* foram a alternativa que encontraram para conciliar casa, família e trabalho.

Alguns discursos mostram as dificuldades que elas enfrentam todos os dias, tentando conciliar família a trabalho, que apesar de trabalharem em casa, a maior parte do tempo, exceto quando precisam atravessar a fronteira para a compra de produtos para revender, a dupla jornada que se confunde ao atravessar, apenas uma porta (entre casa e *almacén*) causa cansaço e falta de expectativa em relação a outros empregos, ou até mesmo em querer estudar.

As novas configurações familiares e o desemprego, tem feito com que as mulheres se assumam cada vez mais como chefes de família. A mulher passa a ser responsável por quase todas as necessidades dos filhos, ganham menos que os homens e ainda precisam suprir com os afazeres de casa, tentando flexibilizar o trabalho remunerado com o doméstico. Isso é promovido, através de condições desiguais.

Com as mudanças no papel social da mulher, a identidade feminina começa a ser alterada, e se volta cada vez mais ao mercado de trabalho. Junto a isso, o acesso a escolaridade e universidades, promovem o acesso feminino a oportunidades de trabalho que até então não eram pensadas.

Bruschini (2007), ressalta que mesmo com todas as mudanças que ocorreram, muitas coisas ainda continuam iguais, um exemplo, é que as mulheres ainda continuam sendo as principais responsáveis pelas atividades do lar, e pelos cuidados com os filhos e

outros familiares, e isso gera uma sobrecarga para as que exercem atividades remuneradas.

Serafini (2018), fala sobre a desvalorização do trabalho doméstico quando quem realiza essas atividades, possui um vínculo afetivo:

La preparación de comida, el lavado y planchado de ropa, el cuidado de niños/as o personas con algún tipo de discapacidad o enfermedad no son actividades “productivas” cuando las realiza una persona en la casa que tiene vínculo afectivo. Si estas actividades se adquieren en el mercado, entonces tienen un precio y son contabilizadas y valorizadas (SERAFINI, 2018, p. 3).

Geralmente essas atividades são realizadas pelas esposas, mães, filhas, e por possuírem vínculos afetivos, seu trabalho não é remunerado, sendo considerado muitas vezes como obrigação a ser feita. Serafini ressalta que:

La sociedad ha otorgado a las mujeres la responsabilidad casi exclusiva de la ejecución de estas tareas. La división sexual del trabajo asignó al hombre el rol de “proveedor” y de “cuidadora” a las mujeres. Así, por un lado hay una sobrevaloración del trabajo “productivo” y por otro, una desvalorización del trabajo “reproductivo” (SERAFINI, 2018, p. 3).

Mongelós Mayeregger (2015):

Paraguay es categorizado como uno de los países más desiguales del mundo, en el que las brechas de género alcanzan niveles extremos. Así por ejemplo, el 20% de la población más pobre se encuentra representado por hogares con jefaturas femeninas, en contraste con el 20% más rico de los hogares que tienen jefatura masculina (PNUD, 2008). Por su parte, el informe del Foro Económico Mundial sobre brechas de género del año 2014, que indaga en la distribución equitativa de oportunidades y recursos entre hombres y mujeres, ubicó a Paraguay en el puesto 81, muy por detrás de los países vecinos, como Brasil que ocupa el puesto 71 y Argentina, con una de las mejores puntuaciones, en el puesto 31 (World Economic Forum, 2014).

As desigualdades de gênero presentes no Paraguai, alcançam níveis extremos. As mulheres, pouco possuem oportunidades de trabalho que garantam uma remuneração adequada, permitindo que assim, sustentem suas famílias.

No que tange aos serviços domésticos, as horas gastas não são contadas, o que contribui para que seja invisibilizado como trabalho. Ainda que as mulheres tenham

ingressado no mercado de trabalho, existe ainda a questão do trabalho doméstico que ainda não é dividido, e é exercido de gratuitamente pelas mulheres em suas casas. No caso das donas de *almacenes* isso se torna mais aparente quando elas nos dizem que foram abandonadas pelos pais de seus filhos e todas as responsabilidades e trabalho doméstico recaem sobre elas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diversos momentos da pesquisa foram difíceis, porque neles foram se alternando diferentes momentos de aprendizado, medo, indignação, alegrias, satisfação e também desapontamentos. Um dos momentos que marcaram foi quando uma das entrevistadas nos contou que herdou o *almacén* de sua mãe, que tinha morrido recentemente. A mulher segurava sua bebê no colo, que tinha por volta de dois meses, e nos disse com um olhar muito triste e com a voz embargada, que foi um presente que sua mãe deixara, e agora ela seria responsável por mantê-lo. Esse foi um momento de grande comoção, e não tinha como não se emocionar.

Outro momento marcante foi quando outra entrevistada nos convidou para entrar e sentar nas cadeiras que estavam na área de sua casa. Ela nos olhou e alegremente disse: “Vocês são estudantes, verdade? Vou ajudar com a pesquisa de vocês, porque eu também estou na faculdade e sei como é precisar de outras pessoas para conseguir fazer a pesquisa”. Em seguida nos ofereceu água. A tarde estava muito quente e nós estávamos caminhando há algum tempo pelo bairro. Logo de início, ela nos pediu que falássemos os nossos nomes, e como nas outras entrevistas, nos apresentamos e explicamos a intenção da conversa. Quando me apresentei, ela sorriu e disse que a filha também se chamava Dalila. Em uma mesinha azul de plástico, estava Dalila junto com seu irmão colorindo folhas em branco; não parou em nenhum momento para nos olhar, pois estava muito concentrada em seu desenho.

Momentos mais difíceis eram quando as pessoas se recusavam a conversar. Depois fomos entendendo que algumas delas pensavam que fôssemos fiscais, ou alguém que tivesse motivos para querer saber do funcionamento do *almacenes* e quais estratégias utilizavam para comprar os produtos nos outros países. Assim, durante a pesquisa passamos por diferentes momentos.

Fazer pesquisa de campo, encontrar diferentes pessoas, é passível de muitas possibilidades de conhecer o diferente, a aprender em suas peculiaridades. Quando observamos a vida e o trabalho ao qual estas mulheres estão inseridas todos os dias, temos várias percepções que permitem que tenhamos noção da realidade que ali acontece. A interação direta entre pesquisadora e donas de *almacenes* proporcionou uma estreita relação, que permitiu a descoberta de histórias e informações que não seriam possíveis em essa relação.

A presença no campo foi um diferencial na pesquisa e também o que nos possibilitou uma melhor leitura e/ou compreensão dos processos que ali acontecem, a partir da percepção das mulheres do bairro. As conversas e entrevistas deram a oportunidade de mostrar algumas diferentes visões acerca da fronteira e das incertezas que ali estão.

Teceu-se os caminhos desta pesquisa. Fui me formando, um processo de criar em mim um corpo sensível diante das multidões de pequenezas que a mim iam se encostando. Esbarravam, colavam, saíam, faziam correr lágrimas. Histórias de gentes. De mulheres. De corpos preenchidos por dores, por palavras, por arranhões, por (des)encontros.

É possível perceber que quando falamos do trabalho doméstico, falamos em como as mulheres conciliam as tarefas domésticos com o trabalho remunerado. Conciliar trabalho produtivo e reprodutivo é restritamente uma preocupação das mulheres, mesmo entre as que estão casadas. Como estratégia de organização, essas mulheres articulam-se traçando uma rotina que é dividida entre o trabalho doméstico e remunerado, recorrendo as suas redes de sociabilidade e abrindo mão de momentos para o cuidado com elas próprias.

Constatamos que o bairro Área 4 passa por vários problemas de infraestrutura por estar numa área periférica e não receber muita ajuda do poder público de acordo com os moradores. Questões relacionadas à saúde, asfalto e segurança são as que mais causam descontentamento nos moradores do bairro.

Vários motivos impulsionaram essas mulheres a trabalharem com *almacenes*, mas o principal sempre foi o cuidado com os filhos, deixando claro que essa responsabilidade recaiu apenas sobre elas, e essa foi a maneira que encontraram de conciliar trabalho e família. E ainda de acordo com elas, essa atividade proporciona relativa liberdade financeira, uma vez que não precisam depender dos pais de seus filhos para ter dinheiro, mesmo que pequenos recursos.

Os *almacenes* são lugares de compras, de histórias, junto com o espaço da casa e quem realiza todas as atividades laborais são elas, as mulheres. Por estar em uma região de fronteira, esses comércios proporcionam que as donas usem diversas estratégias para mantê-los, garantindo o sustento de suas famílias.

FONTES ORAIS

Claudia, 43 anos, dona de *almacén*, mãe de duas crianças e sonha conhecer as Cataratas.

Joana, 24 anos, dona de *almacén*, estudante de psicologia, mãe de duas crianças.

Julia, 52 anos, dona de *almacén*, mãe de três.

Marlene, 48 anos, vendedora de panos de prato, mãe de dois.

Mercedes, 60 anos, dona de *almacén*, mãe de três.

Mirta, 38 anos, dona de *almacén*, mãe de três.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIAOLI-ALVES, Zélia Maria Mendes. Continuidades e rupturas no papel da mulher brasileira no século XX. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Vol. 16, N 3, pp. 223-239, Set-Dez, 2000.

BIESEK, A.S. ; PUTRICK, S. C. ; CURY, M. J. F. ; FRAGA,N.C., “**Imigração na Tríplice Fronteira do Brasil, Paraguai e Argentina e a Representatividade na Colônia Árabe**” *Unbral Fronteiras*. Disponível em: <http://unbral.nuvem.ufrgs.br/base/items/show/9521>. Acesso em Agosto de 2020.

BRUSCHINI, Maria Cristina Aranha. **Trabalho e gênero no Brasil nos últimos dez anos**. Texto apresentado no Seminário Internacional Gênero e Trabalho (MAGE/FCC), realizado no Brasil (São Paulo e Rio de Janeiro), 8 a 12 de abril de 2007.

COSTA, Everaldo Batista da. Paisagem-Memória e Função Social da Fotografia. In: STEINKE, Valdir Adilson; REIS JUNIOR, Dante Flávio; COSTA, Everaldo Batista. **Geografia e fotografia: apontamentos teóricos e metodológicos**. Brasília: Laboratório de Geoiconografia Multimídia- UnB, 2014, p. 79-106.

COSTA, S. G. Saúde, gênero e representações sociais. In: MURARO, Rose Marie & PUPPIN, Andrea Brandão. (orgs). **Mulher, gênero e sociedade**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra**. São Paulo: Perspectiva, 2011.

FEYERABEND, Paul. **Contra o método**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1977.

GARCIA, Dalila Tavares. **Almacenes paraguaios: interações espaciais e relações de sociabilidade**. Trabalho de Conclusão de Curso – Graduação em Geografia (Bacharelado). Foz do Iguaçu: Universidade Federal da Integração Latino-Americana, 2016.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **O lugar do olhar**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

LIMA, Perci. **Foz do Iguaçu: no contexto da sua história**. Foz do Iguaçu: Ed. do autor, 2010.

LIPOVETSKY, Gilles. **A terceira mulher**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

MACHADO, Lia Osório. Limites, fronteiras, redes. In: STROHAECKER, T. M. et al. (Org.). **Fronteiras e espaço global**. Porto Alegre: AGB-Porto Alegre, 1998. p. 41-49.

MEDINA, Felisa Rodriguez de; **Sintesis de Historia del Paraguay y Alto Paraná**. Editora Papyru's Impresiones: Asunción, 2004.

MONGELÓS MAYEREGGER, Tannya Yeruti. **Paraguay la reproducción de las desigualdades de género en los fueros laborales. Igualdad que produce desigualdad**. Buenos Aires. CLACSO. 2015

RABOSSI, Fernando. **Nas ruas de Ciudad del Este: vidas e vendas num mercado de fronteira**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Rio de Janeiro, 2004.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lucia. Quando o executivo é uma “dama”: a mulher, a carreira, e as relações familiares. In: FÉRES-CARNEIRO, Terezinha (org), **Família e casal: arranjos e demandas contemporâneas**. Rio de Janeiro: NAU, 2003.

RODRIGUES, Luiz Felipe. **“Olha o alho!” A cidade de fronteira nos passos do sujeito**. Trabalho de Conclusão de Curso - Graduação em Geografia (Bacharelado). Foz do Iguaçu: Universidade Federal da Integração Latino-Americana, 2016a.

RODRIGUES, Luiz Felipe. **“Alho, patrona?”: cartografias da tríplice fronteira Argentina-Brasil-Paraguay entre gentes ambulantes**. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS, 2019.

SANTOS, Boaventura de Sousa. (1993), “Modernidade, identidade e cultura de fronteira”, **Tempo Social**, 5, pp. 31-52.

Milton SANTOS. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero e historia**; trad. De Consol Vilà I. Boadas. – Mexico: FCE, Universidad Autónoma de la Ciudad de México, 2008.

SERAFINI, Veronica. **Trabajo remunerado de las mujeres desde un enfoque de género**. Centro de Análisis y Difusión de la Economía Paraguaya. Asunción, 2018.

SIMMEL, Georg. **Sociabilidade**: um exemplo de sociologia pura ou formal. In: MORAES FILHOS, Evaristo. (Org). *Simmel*. São Paulo: Ática, 1996.

SOUZA, Adelita Araujo. **Itaipu e a urbanização da zona de fronteira do Iguaçu: cidade e conjuntos habitacionais da usina hidrelétrica**. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC - Campinas), 2012.

TELLES, Vera da Silva. **A cidade nas fronteiras do legal e ilegal**. Belo Horizonte: Argumentum, 2010.